

EUARISTO Lima
 Fornecemos e montamos todo o tipo de Coberturas Metálicas Auto-Portantes
BLOCOTELHA E INTERTELHA

Av. Luis de Camões, 14
 9600-563 RIBEIRA GRANDE
 Telef. 296.470160
 Fax 296.470165
 e-mail: evlima@mail.telepac.pt

Peça-nos orçamentos

Luís Raposo

Director do Museu Nacional de Arqueologia



“Não há
 Humanidade sem
 Memória. Nós
 somos o
 futuro do
 nosso
 passado.”

Mário Moura PÁG. 6 e 7

Teresa de Jesus



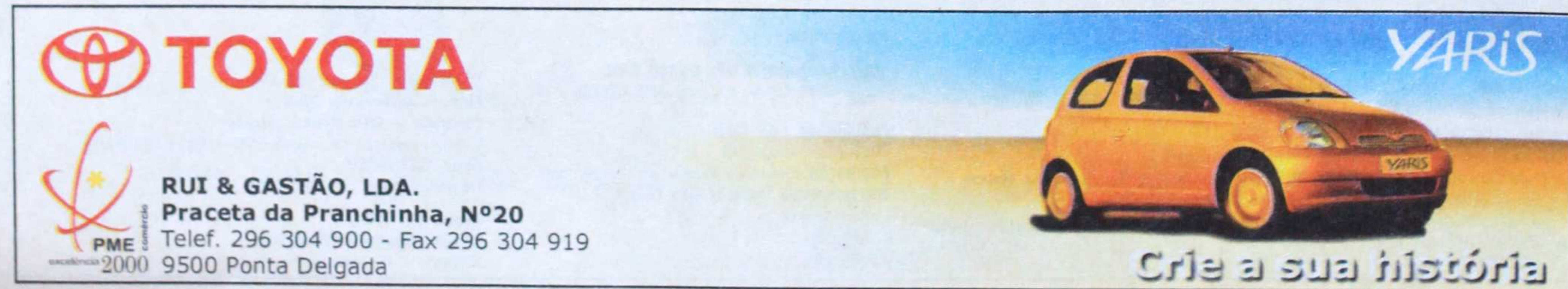
Reportagem
 Hermano Teodoro
 Páginas centrais

Desporto
 Parabéns!
Ideal
Campeão
 2001-2002
 Em próxima edição

À cavaqueira com...
Laura Coutinho



Emanuel Martins PÁG. 9

TOYOTA
YARIS
 Crie a sua história

RUI & GASTÃO, LDA.
 Praceta da Pranchinha, N.º 20
 Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
 PME
 2000
 9500 Ponta Delgada

Editorial oliveiramoura@mail.pt

1. Responsáveis: duas hipóteses para dois contrastes

Terá acabado o longo monopólio de Ponta Delgada sobre as infra-estruturas regionais da ilha de São Miguel, mas não como seria de esperar a favor da outra Cidade da ilha por ser, primeiro Cidade, segundo, por ter desde há muito pugnado para que tal viesse a suceder. Porquê?

Os responsáveis autárquicos da Vila da Lagoa (maioria PS e minoria PSD), como seria de esperar, não tendo obtido quase nada em seis anos de desalinhamento com o Governo Regional (PSD), fazendo valer a proximidade e o seu prestígio, têm sabido aproveitar seis anos de alinhamento com o Governo Regional (PS) em justos e necessários projectos de parceria para o desenvolvimento da Vila e do Concelho;

Os responsáveis autárquicos da Cidade de Ribeira Grande (maioria PSD e minoria PS), não tendo obtido quase nada em vinte anos de alinhamento imperfeito com o Governo Regional (PSD), não fazendo valer a proximidade e o seu prestígio, como seria de esperar, pouco têm aproveitado em seis anos de desalinhamento com o Governo Regional (PS) em justos e necessários projectos de parceria para o desenvolvimento da Cidade e do Concelho;

Os responsáveis autárquicos da Vila da Lagoa (maioria PS e minoria PSD), com recente e serena voz privada, anunciam ufanos a conquista de infra-estruturas regionais: Tecnoparque de São Miguel (Açoriano Oriental, 02.03.02) e Observatório Vulcanológico e Geotérmico (Correio dos Açores, 14.03.02);

Os responsáveis autárquicos da Cidade de Ribeira Grande (maioria PSD e minoria PS), já com voz gasta e abatida, desfilam, exceptuando uma vaga promessa eleitoral de Carlos César de transferir duas decrépitas Direcções Regionais, um ror de insucessos e de impasses a justas pretensões de partilha de infra-estruturas regionais: a recusa do Hotel-Escola, o silêncio da Sede do Consórcio Geotérmico, o gritante insucesso do Parque Industrial de São Miguel.

Ocorrem-nos, para o explicar, duas hipóteses, os leitores encontrarão outras:

Ou os nossos autarcas fizeram proficiente e correctamente tudo o que havia a fazer e foram injustamente preteridos, na pior das hipóteses, discriminados. O que no último caso seria um desonesto, ilegal e indesculpável tratamento para com a 2.ª Cidade da ilha e uma das cinco dos Açores, e no primeiro seria motivo para uma séria reflexão e de conveniente clamor público;

Ou então não fizeram tudo o que havia a fazer proficiente e correctamente e foram justamente preteridos, não sendo, deste modo, alvo de qualquer discriminação. O que, no primeiro caso, impõe que os projectos sejam mais cuidados e melhor acompanhados, e no segundo, de novo se recorra a profunda reflexão seguida de reformulação estratégica.

2. Parque da Cidade

É um sonho que há muito a Cidade acalenta. Desde, pelo menos, o tempo em que Artur Martins foi Presidente da Câmara Municipal de Ribeira Grande.

E porquê? As razões, apesar de óbvias, não deixam de precisar menos de divulgação e partilha. Eis algumas:

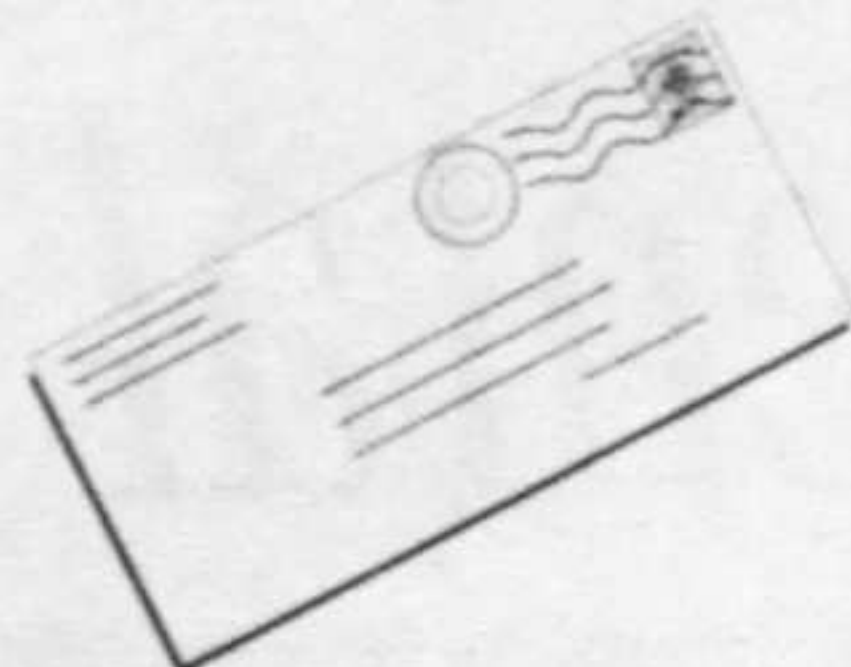
Uma Cidade precisa de um 'pulmão verde', aliás existem normas que estabelecem o *ratio* entre o Parque Cultural (o construído) e o Parque Natural;

Uma Cidade precisa de um espaço/equipamento onde os cidadãos possam passar momentos de merecido ócio, seja para um simples passeio ou exercício físico;

Uma Cidade que tem organizado Festivais de Primavera deveria tê-lo porque só assim se poderá legitimar a festa: as flores do local e o local para a festa;

Uma Cidade constrói-se decisivamente com um Parque, que, aliando-se ao Complexo Balneário, ao Passeio Oceânico, ao Centro Cultural, aos Museus, Biblioteca, Hiper, Politécnico, etc., constituem pólos imprescindíveis aos padrões actuais de qualidade de vida.

Oliveira Moura



Caixa do Correio

Li há dias num jornal de Ponta Delgada que o Governo Regional (PS) pretende construir uma segunda Marina e efectuar outros embelezamentos na marginal daquela Cidade, tal como o Governo Regional (PSD) já o fizera para a primeira Marina, Clube Naval e Prolongamento da Avenida.

Não se trata de 'inveja', trata-se de justiça, pois, se um Pai tem vários filhos, dará a cada o mesmo. O que não é o caso. Não deixa de ser discriminatório o facto de, entre muitos outros exemplos possíveis, as Marinas de Vila Franca do Campo e da Praia da Vitória terem sido construídas somente com os dinheiros das suas Câmaras (PSD) a tal ponto que, como é voz corrente, a primeira para o levar a cabo estar 'endividada até aos cabelos'. Nem sequer ousaria, nem valeria a pena, 'pedir' ao nosso Governo Regional (PS) que nos fizesse a necessária Marginal e o Complexo Balneário das Poças, pois a nossa Câmara é PSD!

L. Oliveira

São Miguel: Açores, um livro dedicado ao turismo recentemente lançado pela editora Everest, texto de Undine von Ronn e Javier Grau, contém erros imperdoáveis. Só para citar alguns: a capital da ilha é a Cidade de Ponta Delgada, que terá segundo os autores cerca de 63 000 habitantes, a Cidade de Ribeira Grande, imagine-se, segundo os mesmos autores, é uma povoação com 5 600 habitantes.

Senhores Undine e Javier, Ponta Delgada, apesar de dinâmica e próspera, é oficial, não é capital da ilha nem sequer dos Açores, nem tem aquela população e a Ribeira Grande é, desde 1981, Cidade e terá, segundo o último Censo, cerca de 10 000 habitantes.

Toda a estrutura do referido livro labora no erro, creio que encorajado pelos nossos governantes regionais, de que, na ilha existe Ponta Delgada e o resto será paisagem bucólica.

J.Sousa

É sempre um prazer ler algo sobre a nossa terra. Quando se trata de um jornal, ainda melhor! Ficamos informados da actualidade, aprendemos com os colaboradores, avaliamos as diferentes opiniões expressas, etc. Seria óptimo que o jornal fosse quinzenal em vez de mensal. Mas, temos esperança que

o Dr. Mário Moura e os seus colaboradores, brevemente farão esta mudança, ou pelo menos decerto já pensaram nisto!

De qualquer modo, desejo aqui deixar registados os meus parabéns à equipa da A Estrela Oriental.

Força minha gente!

Alfredo da Ponte

Não posso aceitar discriminações!

Já muito se disse, já muito se escreveu sobre o Decreto Regulamentar Regional que altera normas nos concursos dos educadores e professores do ensino básico e secundário nos Açores, mas talvez não seja demais dizer que estão a cometer um erro crasso e uma tremenda injustiça.

Sou Açoriano e podem ter a certeza que ninguém mais do que eu ama os Açores. Conheço os Açorianos e sei que esta gente simples, humilde e acolhedora sabe receber melhor do que ninguém aqueles que vêm de fora. Por isso mesmo, não posso aceitar discriminações!

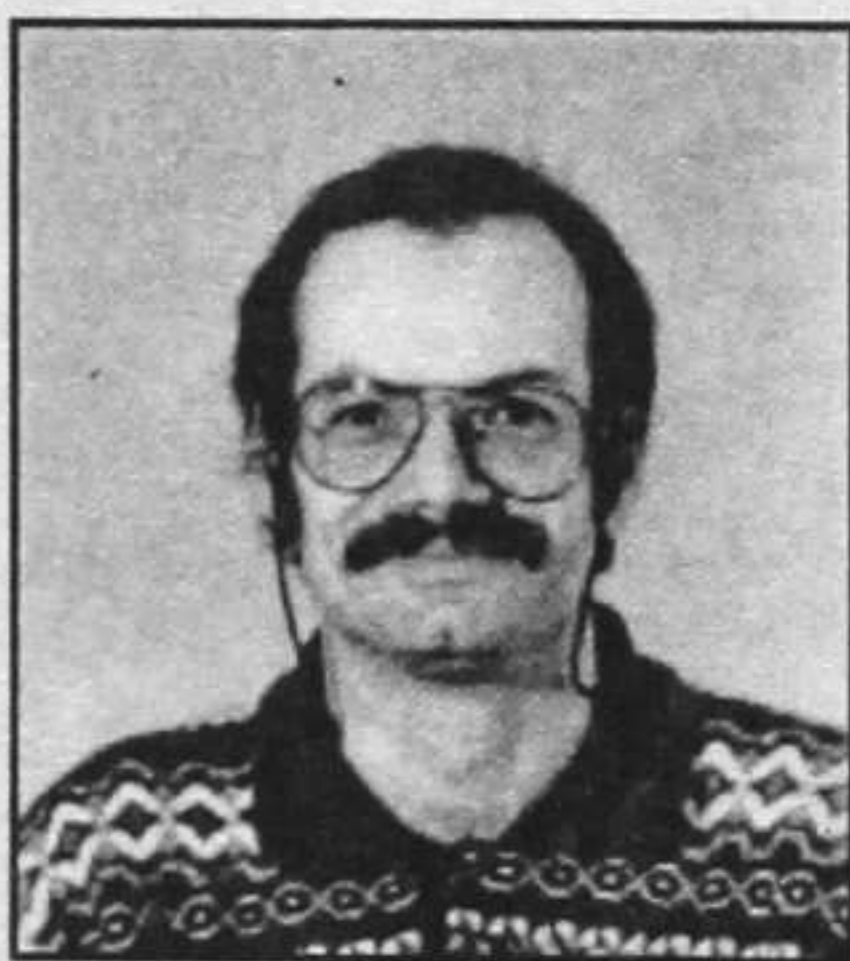
Tirei o curso de Eng. Electrotécnica, como o curso não há cá, tive que ir estudar para o continente, felizmente e graças a Deus nunca fui discriminado por ser Açoriano. Durante o meu percurso académico fiz amigos, verdadeiros amigos que me convidavam para passar fins de semana em suas casas e me acolhiam como se da família deles fosse. Sentia-me bem, não estava na minha terra mas estava no meu país. Por isso mesmo, não posso aceitar discriminações!

Nos Açores há professores desempregados, é verdade, e quantos professores temos desempregados no nosso país? Será que o correcto é sermos Portugueses para algumas coisas e Açorianos para outras, conforme as conveniências? Talvez o melhor é assumirmos a nossa nacionalidade, sermos verdadeiros Portugueses e tratar todos de igual forma. Como Açoriano e Português peço desculpa a todos os professores do continente que neste momento se sentem discriminados e acredito que contra a justiça e a verdade não há nada que resista. Tenham Fé.

Paulo César da Silva Fernandes.

Plantas Usadas na Medicina Popular (11)

Arruda



A arruda é uma das plantas mais usadas na medicina popular, nos Açores. No concelho da Ribeira Grande, a planta é usada para as dores de estômago e para doenças da bexiga e rins. Na Maia, em 1992, também, era conhecida a sua utilização "contra as bruxas".

Carreiro da Costa (1951), depois de referir que era possível encontrar a planta nos quintais de todas a

povoações, menciona a ligação da arruda, não só à medicina popular, mas também a várias superstições. Assim, no n.º 15 do Boletim da Comissão Reguladora dos Cereais do Arquipélago dos Açores, podemos ler que "figueira, debaixo da qual se criem uns pés de arruda, dá pela certa os mais lindos e deliciosos figos que imaginar se possa" e mais adiante "galhos da mesma arruda presos ao pescoço das rezes as livra do mau olhado. E por último, "o fumo da arruda queimada sobre uma brasa viva imune as casas de maus olhados e feitiços - e não só as casas como também as pessoas".

Teófilo Braga

Família - Rutaceae

Nome científico - *Ruta chalepensis*.

Outras designações - Ruda, arruda-dos-jardins, arruda-fétida, erva-da-graça, erva-das-bruxas (em Portugal Continental).

Identificação - Erva vivaz, com folhas acinzentadas, segmentadas e fétidas. O caule é lenhoso e ramificado, podendo atingir os 60 cm de altura. As suas flores são amarelas e pequenas.

Utilização - De acordo com o Dr. Oliveira Feijão (1986), a arruda pode ser usada internamente para combater deficiências menstruais, a histeria e a gota, externamente para nevralgias, reumatismo e ciática. Também é usada em loções antiparasitárias (piolhos, etc.). Yolanda Corsépius (1997) aconselha manter alguns ramos da planta fresca nos locais onde se quer evitar a presença de ratos.



Ficha Técnica:

A Estrela Oriental

Jornal Mensal

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: António Valdemar, Cristóvão de Aguiar,

Daniel de Sá, Fátima Borges, Fernando Silva, João Teixeira, Luís Noronha, Nelson

Tavares, Onésimo de Almeida, Pe. António Rocha,

Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Teófilo de Braga,

João Miguel Fernandes Jorge

Propriedade:



Cooperativa Mão d'Água, C.R.L.

Sede: Centro Cultural de R. Grande

Publicidade: Luís Faria

Contacto: 919020517

Paginação: Francisco Veloso

Tratamento de Texto: Marília Dias,

Carlos Arruda

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

Correio electrónico: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

Depósito Legal N.º:166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares

Mudam-se os tempos mudam-se as vontades na política como na vida



Em 17 de Março de 2002 o povo português deu uma prova extraordinária da sua maturidade democrática e da sua inteligência política. Com efeito ao dar 45,36% dos votos ao PSD e 40,96% ao PS o povo português quis dizer claramente que pretendia um governo não socialista e uma

maioria de direita em Portugal.

No que diz respeito aos Açores o ciclo da "autonomia cooperativa" acabou em 17 de Março de 2002.

Mas se a política obedecesse às elementares regras da lógica, o Partido Socialista teria ganho as eleições nos Açores.

Com efeito durante o consulado de Guterres os Açores receberam do continente a solidariedade financeira e institucional que nunca tinham recebido do Terreiro do Paço desde a lusa Abrilada de 1974.

Isto se aplicássemos na análise dos resultados eleitorais de 17 de Março uma lógica interpretativa restritiva.

Porque o que aconteceu realmente não foi uma ingratidão e uma injustiça do povo açoriano para com o Partido Socialista. O que se verificou de facto foi que o povo separou claramente estas eleições das eleições legislativas regionais; percebeu que Guterres ajudou os Açores mas que não soube governar bem o resto do país.

E "vox populi", "vox dei" (voz do povo, voz de Deus).

Embora na política, como na vida, raramente haja justiça e gratidão, o povo dos Açores não foi nem injusto nem ingrato para o Partido Socialista.

A opinião pública é caprichosa por natureza, não se move por critérios de justiça ou de gratidão, mas no caso das últimas eleições o povo não quis penalizar Carlos César mas sim António Guterres e o seu governo a nível nacional.

Mas do que não há dúvida é de que a mudança política à direita não é favorável a Carlos César e ao Partido Socialista nos Açores, porque Durão Barroso, com Paulo Portas, irá dificultar muito a vida ao governo Socialista dos Açores.

Consequentemente César terá que, a exemplo do que faz João Jardim na Madeira, iniciar um novo ciclo de 'autonomia reivindicativa'.

Mas se o povo açoriano se aperceber de que só votando politicamente à direita nas próximas eleições regionais conseguirá para os Açores a solidariedade e a cooperação do governo central, não hesitará em fazê-lo.

Tudo vai depender, em última análise, da atitude do novo governo da República, da forma como Durão irá governar o País até às eleições regionais.

Se conseguir a tal estabilidade política indispensável à recuperação económica (o que acontecerá com a coligação

com o PP de Paulo Portas) criará uma nova dinâmica política e eleitoral que favorecerá obviamente o PSD/Açores nas próximas eleições regionais.

Portanto, o PS/Açores perdeu capital político em 17 de Março, e o PSD/Açores ganhou um novo capital de confiança política do eleitorado que irá decerto tentar aumentar no futuro para o investir na sua totalidade nas próximas eleições regionais.

O PP de Paulo Portas ganhou também um novo crédito político nos Açores, a começar pela Ilha do Corvo onde venceu as eleições.

A estabilidade governativa a nível nacional favorece a autonomia regional desde que haja diálogo e cooperação entre o governo da República e os governos regionais, diálogo e cooperação que se irão tornar difíceis com o governo de Carlos César, porque Durão e Portas estão politicamente interessados na queda do Partido Socialista na Região e do seu líder Carlos César já nas próximas eleições legislativas regionais.

Aproximam-se, portanto, tempos difíceis para o País em geral e para os Açores em particular.

Como escreveu o nosso querido Camões: "mudam-se os tempos, mudam-se as vontades".

Toda a vida é composta de mudança e a política fazendo, como faz, parte importante da nossa vida não escapa a essa realidade da vida.

As coisas com o decorrer do tempo, mudam pura e simplesmente, mudando, muitas vezes, para pior.

A opinião pública muda no tempo e com o tempo, as vontades dos homens não são imutáveis, não há nada de fixo na vida humana.

Mesmo o mais alto, puro e nobre ideal esmorece e desbota como as flores depois de passada a Primavera.

E os humanos são como as árvores, são tanto mais fortes quanto mais fundas forem as suas raízes. As raízes do homem açoriano são fortes porque estão mergulhadas no mar e ficam salgadas pelas águas que embalam os nossos sonhos de marinheiros com alma para darem novos mundos ao mundo. Somos portugueses com pouca terra mas com muito amor a ela.

Por isso, não há força humana que nos vença nem poder injusto que nos convença.

A pouca terra que temos foi conquistada ao mar.

O mar é a nossa tragédia e a nossa glória.

Uma nova esperança



Começou um novo ciclo na política portuguesa.

Os portugueses cansaram-se de seis anos de guterrismo. Seis anos de um certo estilo de exercer o poder onde primou a necessidade de agradar a opinião pública, para se ficar sempre bem nas sondagens, mesmo

quando havia necessidade de tomar medidas que não eram as mais populares.

O guterrismo sacrificou o interesse nacional aos "seus" interesses de agradar para efeitos de manutenção do poder. O guterrismo levou os portugueses a endividarem-se a torto e a direito. Os portugueses pagam de juros à banca exterior mais de um milhão de contos por dia.

O povo gostou da festa, até ao dia em que se deu conta que já não havia dinheiro para educar os filhos e tratar dos doentes, mas somente para o foguetório do arraial do fim de semana.

O povo deu-se conta que o guterrismo não era mais do que uma escapatória momentânea que serviu para a descompressão política também necessária à saúde e estabilidade societal.

Nos Açores, o guterrismo foi vencido, como foi, ainda, a "governação à César".

Os açorianos não se deixaram iludir pela campanha demagógica do governo regional. Os açorianos não se deixaram intimidar pelo discurso agressivo de Carlos César e José Contente.

Os açorianos não se deixaram enganar pela campanha tendenciosa de uma certa comunicação social que se abaixa aos euros do Orçamento Regional.

Os açorianos, pela primeira vez, ofereceram uma derrota nas urnas, em eleições para a Assembleia da República, ao partido que está no poder regional.

Carlos César é o primeiro presidente do governo regional a ser derrotado em dois actos eleitorais consecutivos. Talvez, por isso, César, arrogantemente, tenha tido o desplante de, na noite das eleições, apelidar de "injusto" o povo açoriano.

Os açorianos optaram por um PSD novo.

Os açorianos interiorizaram o novo projecto que o PSD de Victor Cruz tem para a sociedade açoriana.

Os açorianos acreditam numa nova esperança. Para um futuro melhor.

Pedro Paulo Silva

Hermano Aguiar

Paula
Gabinete de Estética

Manicure * Pedicure * Depilação
Tratamento de Rosto * Maquilhagem

Rua do Passal, 16 - Matriz
9600-548 Ribeira Grande

Telefone
296 47 42 56

SAPATARIA LIMA

R. Gonçalo Bezerra, 37 - 9600 - RIBEIRA GRANDE Tel: 296 472 732

Estamos em frente ao Teatro Ribeiragrãndense Abertos ao sábado

casa & objectos
AÇORES

Vieiras, L^{DA}

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
ALVARÁS e ORÇAMENTOS

IVL

Telefs.: 296 472 111 · 296 472 238 · 296 490 150
Fax: 296 491 732
9600 RIBEIRA GRANDE

Fotolinda
arte em fotografia

Revelações, reportagens, máquinas fotográficas, montagens, etc...

Rua El Rei Dom Carlos, 22
Ribeira Grande
Tel.: 296 472 224




Cherne na telha
Espetada de espadante c/ gambas
Rojões com ananás grelhado no espeto
Bife à Residencial

R. dos Condes da Ribeira Grande
Tel.: 296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858



OSTRADES
SNACK BAR

Na Galeria Comercial
do Hiper Modelo na
Ribeira Grande
Tel 296 474 559

Atendimento Rápido
Serviço de TAKE AWAY
Especialidade da Casa
Comida Caseira e Saladas
Aceitamos Encomendas



Com a sua imaginação e a nossa capacidade
damos forma à qualidade



Somos pioneiros
na serração
de basaltos

Britas e
Sarriscas

Areias

Aluguer de
máquinas e
camiões



Sede: Largo do Rosário, 129 • Tel. 296 472 375 • Fax 296 472 926
Inst. Industriais: Rochinha Preta • Tel. 296 472 824



JOSÉ DÂMASO E FILHAS LDA.



A.Machado
Na Compra e Venda de
Propriedades quem decide é VOCÊ

296 30 26 50



REFº 939 - VIVENDA
Rabo de Peixe
Total do terreno: 3.020 m2
Construção: 215 m2
Quintal: 2.805 m2



Construída num só piso
composto por hall de entrada,
sala comum, quarto de serão com lareira, cozinha,
quarto de máquinas, dois quartos de banho e três
quartos de cama, dois deles com roupeiros
incorporados. Com alpendre e amplo quintal.

A Mediação Imobiliária **A NÍVEL MUNDIAL:**
Regional: WWW.AMACHADO.PT
Nacional: WWW.APEMI.PT
Internacional: WWW.FIABCI.COM



REFº 1167 - LOTE
Fenais da Ajuda
Total do terreno: 400 m2

Lote de terreno, com 20 metros de frente,
destinado a construção de vivenda isolada.
Com excelente vista panorâmica sobre o mar.

Preço: 27 433,88 Euros
5.500.000\$00 Esc

Rua do Provedor, 11 - 9500-236 Ponta Delgada
Fax. 296 30 26 59 - INFO@AMACHADO.PT

MEDIAÇÃO
MEDIAÇÃO + SEGURA

www.nn-seguros.com

Natalícia Maré
Nuno Silva

Mediação de Seguros, Lda.
Rua do Passal, nº17B - 1º Piso
9600 Ribeira Grande
Telef.: 296 473666

Escolha a melhor opção



ZURICH



LUSITANIA
COMPANHIA DE SEGUROS, SA



TRANQUILIDADE



Liberal Henrique Soares Creator e Liberal Creator, Lda

2 empresas 1 objectivo
"Garantir a satisfação"

Construção Civil - Fábrica de Aperitivos
Café - Cervejaria

Mini-Mercado Ribeira Seca e Farropo
Armaz. Revenda Prod. Alimentares, Higiene, Limpeza e bebidas

REPRESENTANTE DOS PRODUTOS DUNA E CAFÉ LÓTUS



PRODUTOS ALIMENTARES

Tel/Fax: 296 477 209
Rua do Bandejo, nº2

Educação e Participação (I)



No contexto geográfico em que nos encontramos, numa cidade com algumas tradições culturais, embora vividas não tanto em continuidade como em periodicidade, torna-se forçoso pensar algumas questões que ajudam a clarificar o seu conhecimento: 1. Que tipo de organização social vivemos? 2. Estamos numa organização social citadina ou rural? 3. Qual é a concentração habitacional? 4. Quais os tipos de relações sociais e culturais? 5. Qual é a estratificação? Classes? Grupos? Podemos classificá-los? 6. Que instituições profissionais, industriais e culturais? 7. Quais as instituições básicas que concorrem para a socialização em geral e para a educativa, em particular? 8. Existem indicações do pluralismo de ideias, de instituições ou de associações? 9. O que sabemos de comportamentos padronizados e quais os comportamentos que identificamos como tais? 10. Vivemos consensos ou conflitos?

Em termos sociológicos abordamos, habitualmente, as instituições em básicas primárias, tais como a família, a economia e a religião; e em derivadas, como as instituições políticas, educativas (formais e informais) e recreativas (sociais e culturais). Ao acontecerem nesta ordem, em que medida a sociedade fica mais complexa?

Uma das questões mais difíceis e complexas que a sociedade contemporânea nos propõe é a de que filosofia se tem acerca da família. Neste contexto, como queremos abordar a escola, pergunta-se: 11. Qual o papel da escola? da família na escola? do Estado na escola? 12. Que participação é dada pelos pais à escola? 13. Querem os pais que a escola ou outras instituições tenham intervenção na educação? 14. Que colaboração ou ajuda dá a escola às associações de pais? A participação dada pelos pais à escola parece ser mais uma relação de dependência enquanto a colaboração é vista como uma transferência de responsabilidades da escola para a família. Escola e família, duas instituições que se desejam mais próximas

mantêm um diálogo difícil. Para a primeira os pais não respondem às suas preocupações, aos avisos dos professores, aos descuidos dos filhos, para a segunda os pais queixam-se das faltas cometidas pelos professores relativamente a vários sectores da vida escolar. Não poderia uma participação mais activa dos pais nas escolas contribuir para um melhor esclarecimento dos problemas apontados pelas duas instituições contribuindo assim para a resolução de problemas mútuos? Uma educação social mais completa beneficiaria de uma participação mais rica com outras instituições de carácter formativo: artes, desporto, centros de formação profissional, solidariedade social através de visitas a lares de idosos, centros de saúde, hospitais, prisões, etc. Existe uma impotência por parte das instituições referidas para levar a cabo estas actividades desculpadas com a falta de formação dos actores das instituições em causa que se queixam mutuamente da falta de tempo, recursos, falta de conhecimento dos problemas, medo, falta de cobertura institucional, enfim, uma gama de razões com origem na falta de motivação, de um querer pessoal amedrontado com a tomada de riscos e perspectivado com o desconhecido e com a falta de tentativas de experiência.

E com as queixas de uns e de outros, em que se acusa ou lamenta a falta do outro, continua a dominar a falta de criatividade, a passividade e a apatia. Fazem-se apreciações aos agentes do ensino. Fazem-se apreciações aos pais. Isto é, questiona-se a escola e a família, dialoga-se pouco, questiona-se muito, dinamiza-se também muito pouco. Por um lado, são evocados as razões do sistema educativo, por outro, as do sistema familiar. E assim a participação tem pouco lugar como função interactiva para a possível resolução de problemas mútuos que levam à ambivalência da juventude acerca do valor da educação. Estas situações apresentam condições intoleráveis para manter um desenvolvimento educacional participativo.

Vive-se um tempo de *stress* e alienação. O primeiro leva a dificuldades nas relações pais/filhos que não facilitam uma educação sem preocupações. Estas dificuldades têm na sua origem dimensões vivenciais preocupantes. As pessoas sentem que o que fazem não faz sentido, não tem significado. Sentem também falta de poder

para realizarem determinadas tarefas, mesmo as mais simples como comunicar, incentivar e motivar os jovens, afastando-se cada vez mais uns dos outros. Toma lugar a alienação, onde falhou a participação, levando por vezes a relações ou associações complicadas responsáveis pelo abandono, fuga, e dificuldades de concentração. Infelizmente, não resolvidos, estes problemas acentuam-se levando a estados de ansiedade, desespero, despersonalização, apatia, solidão. Enfim, um desinteresse total verificado na perda de opinião e valores. Uma das grandes preocupações sociais situa-se no campo dos valores. A sua substituição, por novos valores é um fenómeno natural que deve ser considerado pelos pais e educadores como factores inerentes à mudança social, mas a sua adopção deve ser guiada e vista como um processo delicado, para que não seja um factor gerador e responsável por rupturas familiares.

A educação deve ser vista numa perspectiva social e ecológica no sentido mais abrangente do termo, e a escola como agente de mudança, um processo, não um acontecimento. Este processo não deve apenas ser um rótulo, uma moda, um modelo copiado. Falar-se de escola aberta à comunidade, como tanto se apregoa tem um peso que deve ser perspectivado em função da sua materialização. Não basta fazer teatro, exposições, demonstrações de carácter social ou ecológico sem uma educação fundamentada através de um processo que justifique a razão de tais acontecimentos. Lembro-me de ter visto desfilar um grupo de alunos das escolas primárias pelas ruas desta cidade no Dia da Árvore, um dia em que o Ambiente estava obviamente em causa, mas em que duas docentes ostentavam apetitosamente os seus cigarros em plena função, e em plena marcha. Ou, por exemplo, fazer-se um desvario escolar ou jornalístico à volta da personagem de Roberto Ivens, e os alunos da mesma escola ao serem interrogados não saberem de quem se tratava. Estas iniciativas, não é preciso dizê-lo, são perfeitamente louváveis mas devem ser ponderadas e planeadas tendo em conta a sua essência educativa. Se esta escola se envolver, partilhar, e comunicar; as suas actividades serão concertadas mais participativas, isto é, procurarão satisfazer os seus

objectivos mas também manter relações constantes com outros actores sociais.

Entender a participação, a nível micro social, significa propor mais mudança, e compreendê-la nas perspectivas dos alunos, dos pais e dos professores, para que a nível macro social ela possa ser desejada e exigida nas instâncias governamentais, associativas e culturais. Deste modo podemos continuar a defender os objectivos da educação: providenciar aos jovens os conhecimentos e técnicas cognitivas e assisti-los no conhecimento e desenvolvimento de técnicas individuais para que possam funcionar com eficácia cívica, social e profissional. Pretende-se, afinal, com estes objectivos uma educação pessoal e social. No culminar destes objectivos existe nas sociedades democráticas o desejo de atingir a igualdade de oportunidades e realização, que como disse John Dewey, é a oportunidade de escapar às limitações do grupo social no qual cada um de nós nasce e pertence. Os objectivos apresentados sugerem uma dimensão global que nos permitem interpretá-los como fundamentais para o conhecimento das condições ambientais necessárias para compreendermos a sociedade no sistema social global. A resposta para um conhecimento da sociedade está na educação social. Esta educação não é nova no contexto global da acção educativa, todavia, não existe como parte dos currículos escolares por dificuldades de carácter individual e institucional que se relacionam com a sua concretização.

A educação social é a que esclarece a pessoa sobre a sua razão de ser no mundo, a grandeza do seu destino, preparando-a para o atingir em colaboração com os outros. Esta educação não poderá ter lugar quando a sociedade é uma máquina e a pessoa uma peça. A alteração dessa condição mecânica passa por uma verdadeira responsabilidade social baseada na inteligência, no conhecimento e na participação. Esta é em si mesma reciprocidade, diálogo, opinião, e questionamento a todos os níveis; condições necessárias para uma relação, interacção e acção que leve à materialização dos objectivos a alcançar.

A pessoa tem necessidade de se exprimir, de ser ouvida, bem como de ter uma resposta, não ficando apenas com a sensação de que foi meramente consultada. Neste

contexto, nem a educação nem a participação fazem sentido. Educa-se participando. Sem participação, não pode haver educação. O enriquecimento de uma e outra passa por uma convergência de vontades, lealdade, abertura humana, e respeito mútuo.

Infelizmente, na idade tecnológica, a informação, propaganda e publicidade são mecanismos que em certas situações desvirtuam a participação saudável defendendo um processo educativo, que a não ser aproveitado positivamente, enfraquecerá a educação social. Dado que a era tecnológica, força tecnológica ou o poder da tecnologia são dados irreversíveis, porque vieram para ficar, e mais ainda, para crescer, a sua presença torna-se irrecusável, crescendo com os nossos desejos e as nossas necessidades. Involuntariamente, passamos a depender do consumo cultural que é eminentemente participativo, mas que poderá ser questionado relativamente ao seu aproveitamento. Temos a força necessária para decidir da utilidade desse bem de consumo, se assim o considerarmos? A nossa sociedade tem deixado levar à deterioração algumas instituições de carácter sócio-cultural por não termos utilizado energias capazes de assegurarem a sua manutenção. Vejamos o que está a acontecer às Casas do Povo ou aos mais recentes Centros Comunitários. Uma sociologia da cultura defenderia a sua manutenção. Como revitalizá-los? A sua dinamização não passará pela participação das comunidades onde estas instituições estão inseridas? Não há participar por participar. Tem de haver uma razão. A raiz dessa participação tem de ser procurada pelas necessidades educativas, quer sejam de cariz popular ou erudito. Na riqueza das actividades culturais deverão estar presentes indivíduos representativos de toda a estratificação social. A diferenciação cultural tem de ser considerada para o planeamento de uma educação social participada. É fundamental que se considere todas as forças culturais a fim de tirar partido máximo da sua utilização, e isto só é possível se entrarem em acção todos os actores sociais.

Mariano Alves

IEI



Instalações Eléctricas Industriais, Lda.

Executamos Instalações: Eléctricas Telefónicas Elevadores Ar Condicionado
Redes de Distribuição de Média e Baixa Tensão
Postos de Transformação

Comércio de Material Eléctrico

Rua Eng.º José Cardoso, 10 APT. 251 9501-903 Ponta Delgada
Tel: 298 30 23 30 Fax 298 93 64 75 tel.sede@mail.telepac.pt

Diálogos: A Cidade e o futuro da memória

Nem tudo pode ser preservado: critérios e riscos

Parte I

Mário Moura

Perfil biográfico



O Doutor Luís Raposo é arqueólogo, Director do Museu Nacional de Arqueologia e foi, até há pouco tempo, Presidente da Associação Profissional de Arqueólogos (APA). Actualmente preside à mesa da Assembleia Geral daquela associação profissional. É ainda Professor convidado e coordenador em duas Universidades, uma pública e outra privada, o Instituto Superior Politécnico de Tomar e a Universidade Lusíada, em Lisboa e sócio de diversas associações nacionais e estrangeiras. Para além disto, é especialista em Pré-História Antiga (Paleolítico) e participou na discussão em torno da legislação sobre Arqueologia e Património, sendo ouvido pela Comissão Parlamentar de Cultura e emitido, por escrito, pareceres públicos. Publicou regularmente no *Diário de Notícias*, uma coluna dedicada à Arqueologia, de que resultou um livro: *A Linguagem das Coisas*. Continua a escrever para vários jornais.

MM: Qual o lugar da memória no espaço de inovação urbana?

LR: Somos, em cada momento, compromisso entre dois momentos: o do Passado e o do Futuro. O Presente é efémero e transitório, não sendo, por conseguinte, possível aprisioná-lo: destaca-se da dimensão do fluir do tempo, da sua continuidade, o que nos precedeu e o que há-de vir. Em minha opinião, e isso terá a ver com as vivências de cada um, as idiossincrasias de cada pessoa, eu sou mais projectado para o futuro do que para o passado, na perspectiva de que ele nos deve preparar para os tempos que vêm. Devemos sentirmo-nos bem connosco, com os nossos semelhantes e com o futuro que se avizinha. Poderá parecer à primeira vista uma contradição, porém, o estudo do passado só terá sentido na medida em que ele nos sirva no nosso presente, em direcção a um futuro que ofereça uma melhor qualidade de vida. O estudo do passado, fechado em si mesmo, parece-me inconcebível. A escrita da História, porque o passado é sempre escrito com os olhos de cada presente, estará sempre inacabada, pois, estamos sempre a reescrevê-la.

Portanto, temos que ter consciência deste facto: a valorização que fazemos dos testemunhos do passado é muito ditada pelo presente. Hoje valorizamos determinados vestígios, daqui a cinquenta anos, provavelmente, valorizar-se-ão outros. Acusar-nos-ão, porventura, de ter sido *criminosos*, porque deixámos destruir A. Ao invés, noutra área, porque defendemos B ou C, poder-se-á dizer que fomos *fundamentalistas*, porque B ou C, vamos continuar a supor, não terão, daqui a quinze anos, o valor e a importância de hoje. Temos que

ser modestos quando observamos o passado. Nós somos o futuro do nosso passado. Não há humanidade sem memória.

MM: Nem humanidade sem inovação?

LR: Com certeza. Estou só a dizer assim porque estou muito à vontade, pois, sou uma das pessoas que mais cultiva os valores históricos e a necessidade de preservação da memória na Cidade. Todavia, para evitar equívocos, acrescentaria que qualquer arqueólogo, minimamente responsável, sabe que existem todos os dias opções delicadas e difíceis a tomar.

MM: Como explicar que a Arqueologia, numa atitude não *fundamentalista*, pode ser uma mais valia nesta construção?

LR: Nesta perspectiva, que considera os bens arqueológicos como intocáveis, não poderia haver Cidade, pois essa pressupõe inovação. Aí temos que ter uma *praxis*, uma actuação mais prática, enquadrada pela seguinte atitude: a avaliação e o diálogo de concertação entre as forças sociais que constroem a Cidade, no sentido de, em cada momento, decidir quais os valores e os pontos marcantes a preservar.

MM: Quem deve participar neste diálogo?

LR: Na minha opinião, não deve ser um diálogo unicamente técnico, deve constituir um acto de cidadania.

MM: Neste diálogo, sucede muitas vezes que o cidadão/político se decide pela força da maioria. Não acha esta atitude potencialmente negativa?

LR: Sim, poderá, mas não

necessariamente. É evidente que é uma violência pretender que os cidadãos possam decidir assuntos sobre os quais não estão preparados. Pode degenerar numa caricatura da verdadeira democracia. Quando se pretende pôr à consideração de uma assembleia, em termos de votação de braço no ar, se uma máquina deve ou não ser preservada, por exemplo, sem considerações técnicas, os resultados podem ser perversos. Enquanto na população já existe uma atitude para com o técnico médico, entre outros mais, de respeito mútuo, o mesmo não sucede ainda entre os arqueólogos e a maioria das pessoas. Apesar de se ter mudado muito desde Foz Côa, ainda não foi o suficiente.

MM: Não passará pela credibilização da classe, algo que a APA (Associação Portuguesa de Arqueólogos) tenta fazer?

LR: A APA é já o resultado desta tentativa. Mas, atenção, a di-

tem razão, enfrentar a maioria?

LR: Exactamente. Em determinadas situações, muito bem seleccionadas, o arqueólogo deve *bater o pé* até ao fim, mesmo que a população ou os administradores públicos o contradigam. Se ele estiver perfeitamente ciente do seu valor, deve persistir. É o que sucedeu com a polémica em torno da preservação das gravuras de Foz Côa em detrimento da construção de uma hidroeléctrica. Todavia, em outras situações, o arqueólogo deve ter a humildade para aceitar os *sentimentos* de uma população, mesmo que do ponto de vista da ciência, da razão, não pareçam existir motivos suficientes para respeitar/preservar uma certa memória, por exemplo uma pedra ou um cruzeiro.

MM: O arqueólogo deve aproximar-se da atitude do antropólogo?

LR: Exactamente.



gnificação do arqueólogo e da Arqueologia, será tanto maior e melhor quanto menos *fundamentalista* for o arqueólogo. Assim não sendo, perpetuar-se-á, sem proveito de quem quer que seja, o equívoco de que o arqueólogo é uma força que bloqueia o desenvolvimento das Cidades.

MM: Mas é preciso, quando se

MM: O processo de Foz Côa foi uma manifestação organizada de uma classe que é vista pelo público leigo como muito individualista?

LR: É verdade. Diz-se, com razão, que onde haja dois arqueólogos, tal como em outros ramos do saber, haverá lugar, pelo menos, a duas opiniões diferentes. É benéfico

que haja discussão académica. Por outro lado, como somos ainda uma classe incipiente, apesar do nosso esforço de organização, poderão existir algumas questiúnculas que ultrapassem o foro académico. Mas dir-se-ia que não se revestem de aspectos dramáticos ou de anormalidade. Estamos a fazer uma caminhada.

MM: Não estará isto também ligado ao facto de a Arqueologia, só no pós-25 de Abril, graças aos contactos científicos com o exterior, ser considerada não já uma mera ciência auxiliar da História, adoptando novas metodologias?

LR: A Arqueologia, hoje, em Portugal, não tem nada a ver com a que existia há trinta anos. Pode dizer-se com propriedade que os primeiros arqueólogos profissionais surgiram ligados ao Gabinete de Sines na época do Professor Marcelo Caetano. Não eram professores universitários ou conservadores de museu, eram profissionais a tempo inteiro que se ocupavam da recolha e do estudo do que exumavam. Foram os primeiros três ou quatro. Desde então até hoje, muita coisa mudou. Só na APA temos inscritos mais de duzentos arqueólogos profissionais, além de muitos outros não-associados e cerca de uma dúzia de empresas que se dedicam exclusivamente à Arqueologia. No caso concreto de uma intervenção no terreno e do apoio técnico-científico necessário durante e após a intervenção, para ajudar a compreender cabalmente o fenómeno arqueológico, diria que existe ao dispor do arqueólogo uma miríade de disciplinas, as quais devem ser articuladas. A Arqueologia é, hoje, um campo transdisciplinar do saber, ou seja, recorreremos a métodos, não exactamente na

Diálogos: Cidadãos e técnicos, donos da memória

Mário Moura



perspectiva utilizada por estas ciências, entre outras, da História, da Antropologia, da Geologia, da Paleobotânica, da Paleontologia. A Arqueologia é um campo transdisciplinar, que se constituiu e constitui por aquilo que a Filosofia das Ciências designa por *purificação regressiva*: ou seja, utilizou-se em parte métodos de outras ciências para constituirmos uma nova. O atraso da Arqueologia, em parte, deveu-se ao destas ciências. Foi só nos anos 80, e porque o Museu Nacional de Arqueologia concorreu com 20% do investimento, que o Laboratório de Engenharia, em Sacavém, adquiriu capacidade de analisar o Carbono 14. Algo fundamental para a datação de espécies arqueológicas.

MM: O arqueólogo será um especialista na escavação e um generalista nas ciências a que recorre?

LR: Além de ser um *escavador*, ele pode e deve especializar-se numa determinada área, como por exemplo, a fauna: seria, neste caso, um arqueozoólogo. O arqueólogo deve não só saber *escavar* mas também conhecer o suficiente para, ao menos, enviar os seus materiais ao especialista adequado e participar activamente com ele no diálogo científico.

MM: Mas há quem discorde dessa posição?

LR: O argumento dos que discordam prende-se com o alto

grau de *tecnicidade* exigida para o tratamento de vestígios fora do âmbito da especialidade de cada arqueólogo. Por exemplo, vestígios tão diversos como os do período romano e os da Pré-História. Tal, segundo eles, e contra a minha opinião, exigiria formação bastante específica. O arqueólogo deve conhecer os seus limites. Eu, por exemplo, tenho escavado, sou Pré-Historiador, em locais pré-históricos ao ar livre, porém, nunca dirigi uma escavação numa gruta pré-histórica. Todavia, não me sinto incapaz de, um dia destes, por emergência ou mesmo por opção, de escavar numa gruta. Contudo, pode dar-se o caso de eu, numa determinada escavação, me sentir incapaz de proceder a determinada intervenção, neste caso, peço apoio. Pode até não ser uma questão e incapacidade, por exemplo, actualmente ando a escavar um *sítio* no qual existe um nível romano, como não domino este período, pareceu-me correcto chamar um especialista. O ponto de partida, em minha opinião, é considerar que o arqueólogo, tal como um médico consciente e bem formado o faria, é capaz de não só fazer o diagnóstico ao *paciente* como de saber de enviá-lo ao especialista certo.

(continua no próximo número)

Achados arqueológicos das terras do ex-Mosteiro de Jesus da Ribeira Grande



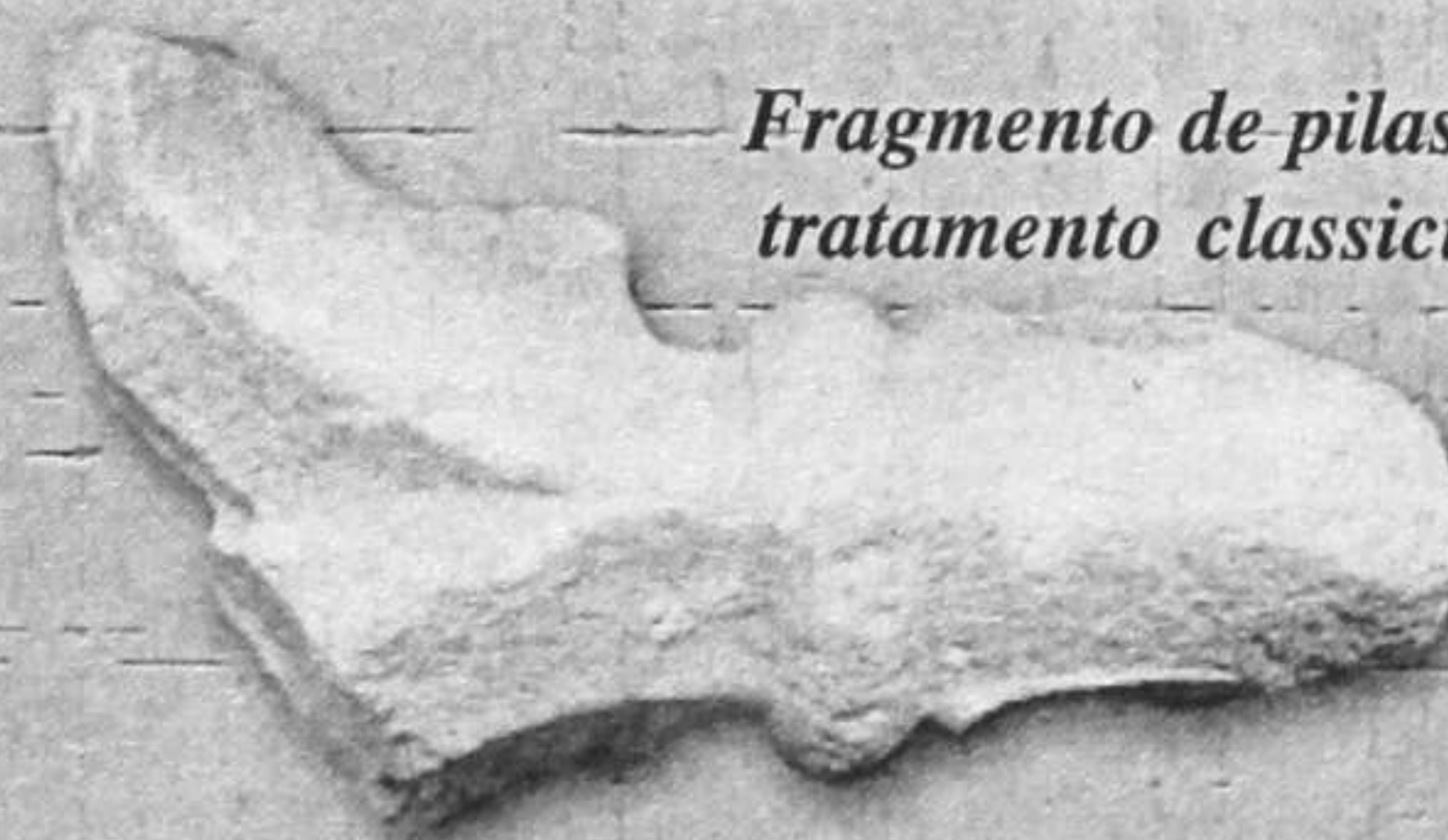
Servidor do Séc. XVII



Fragmento de prato de porcelana chinesa (séc. XVII)



Fragmento de azulejo português setecentista



Fragmento de pilastra de tratamento classicizante

Peças existentes no Museu de Ribeira Grande

Corrigenda

Por questões técnicas e de revisão *A Estrela Oriental* repõe o que erradamente foi publicado na sua edição de Abril último. A última frase da entrevista concedida pelo Presidente da Assembleia Municipal de Ribeira Grande, Dr. Eduardo Vieira: "O que acabou por decidir favoravelmente a sua localização na Lagoa. Eis como as coisas devem ser feitas".

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS

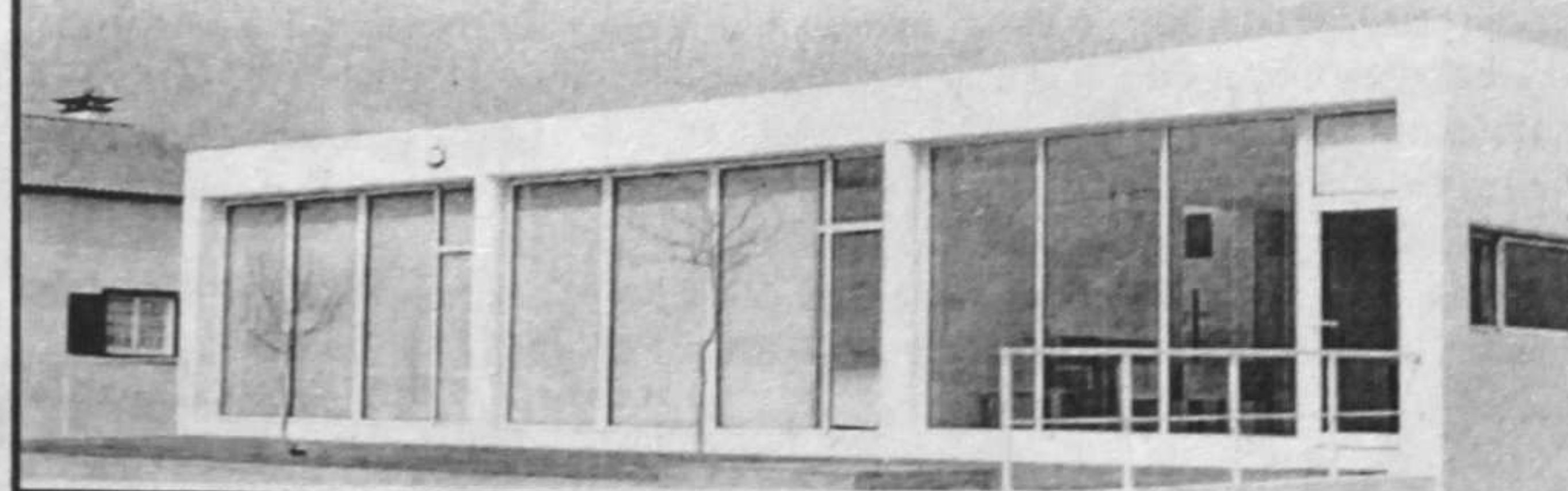
Servimovel
 RUA DO LAUREANO, Nº 374 - 9500-319 PONTA DELGADA
 TEL. Nº 296 38 39 44 - FAX Nº 296 38 38 35
 TELEMÓVEL Nº 91 90 20 517

Deixe conosco nós tratamos de tudo

JOSÉ DO COUTO, LDA.

AREIA DRAGADA
 E AREIA FABRICADA
 EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
 MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, Nº 34 ♦ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR
 TEL.: 296 470 410 ♦ FAX: 296 470 419



Rodeado de Ilha

Morre quem ama de verdade

Emanuel era o seu nome. Apesar de ter nascido e vivido a quase totalidade dos seus dias no Corvo, a sua vida decorria pelo pulsar da terra da ilha e não pela latência do mar da ilha. O trabalho que arranjava há um ano, no comércio de Ponta Delgada, levava-o para S. Miguel. Aquela tinha sido a sua primeira viagem ao Corvo, depois de ter conseguido o emprego, onde acabara de passar uns dias. «Morte de meu pai.» Dissera-me, já o barco ia longe do cais. Sentar-se na cadeira ao meu lado; e um ímpeto, mais de necessidade de falar do que qualquer secreto entendimento, levava-o a meter conversa. No cais, recordo, foi o último passageiro a embarcar. Ficava, ao rés da água, de mão dada, primeiro; depois, num prolongado abraço, prendera a si uma rapariga vestida de luto carregado. «Minha irmã. A única que resta junto de minha mãe, na ilha.» Pouco mais disse. Uma ou outra frase que ficou perdida ao sabor da embarcação, que seguia, lenta, no través das vagas. Poderoso azul que, de onde em onde, o branco da espuma ou um raio de luz mais intenso coloriam de límpido esmeralda.

Assemelhava-se à sua própria ilha. Pequena, massiva, elevando-se um pouco sobre um dos lados. Também ele soerguia, um pouco, o ombro esquerdo. Volume sólido que ficava sentado na cadeira de plástico ao meu lado. Os olhos, negros e vivos, clareavam como se neles morassem as casinhas muito limpas que, de um modo aglutinado, dão voz expressiva à Vila Nova do Corvo. Coisa de reduzida escala que sobe, um pouco, no volume escurecido da ilha. Descem até ao cais os tamarizes. Crescem por entre as rochas. Provam a sua crueza verde com a resistência à salinidade. E mais do que qualquer vela de barco ancorado, são os lençóis de barreira que estendem o branco entre as casas.

Havia um silêncio sobre todos os passageiros, somente cortado por uma conversa, em tom muito baixo, de uma das passageiras com o mestre. Eu tentava fixar uma última imagem da ilha; as casas que se iam afastando na distância; a torre singela da igreja, onde encontrara bancos de madeira escura, que pareciam trazer a sua existência desde os

primeiros povoadores. De resto, esses bancos tinham a capacidade de conhecer a função humana, quero dizer, a essência humana. Bancos de madeira espessa, eles sabem de certo, ainda, pois nada me leva a querer que alguém os tenha substituído, dos sentimentos e de toda a extensão da felicidade e infelicidade humanas. O marceneiro que os desenhou a lápis e papel e que depois lhes deu a forma, o corte, o talhe, resolveu neles um problema de engenharia divina: a compreensão do fim humano completo. O corvino ter-se-á sentido, inúmeras vezes, isolado do mundo, e sentado num desses bancos terá perguntado: «Que devo fazer?» E «Como devo viver?» A resposta há-de sempre ter surgido de uma luz natural, pois quem frequente aqueles bancos tem na sua ilha a participação de uma vida contemplativa. Mas, no barco, havia, naqueles instantes que se seguiram à partida, um silêncio de abandono. À minha frente estavam sentadas três mulheres. Havia tristeza e cansaço nos seus rostos, agora que se afastavam da ilha. Trocavam uma ou outra frase sobre um parente ou sobre si mesmas. Frases que queriam dizer estarem ali, ainda perto da ilha, mas a afastarem-se. Eram frases de quem faz uma verificação a respeito das suas próprias crenças comuns; uma espécie demonstrativa de que se está dentro e não fora de um vasto sistema cultural chamado Corvo. Naquela viagem só eu era estrangeiro e, menos estrangeiro, mas ainda suficientemente de outro lado, os dois florentinos da tripulação. Emanuel parecia ter adormecido. (Sei o seu nome, porque no desamarrar do barco, o mestre lhe gritou: «Emanuel, vamos partir.») Inclinou-se sobre mim. Encostou-se, mesmo. O seu tronco fazia pressão sobre o meu braço. Tentei empurrá-lo para o seu lugar. Não passou de uma tentativa. Dormia profundamente. Não tive outro remédio se não aceitar, sobre mim, esse abandono e repouso. Foi então que, como de vasos comunicantes se tratasse, intuí todo o relato que, de seguida, vos transmito.

Há muito tempo vivia um jovem na casa que herdara dos seus pais. Era uma casa de «modo antigo», como já se dizia por essa altura na ilha. Tinha forno interior sem

chaminé. O fumo escapava por uma abertura no forro da cozinha e, também, através das telhas. Duvido que exista hoje, no concerto da vila, uma casa que obedeça a este modo. Chamava-se Preto. Era conhecido pelo nome de família. O nome somente indicava uma ascendência vinda da raia transmontana, da zona de Castelo Branco ou de alguém que tivesse passado à península de Setúbal, onde o nome vingou até chegar à mais distante ilha dos Açores.

A casa era uma ruína. A própria cama, a falta de colchão e lençol, um monte de feno em que passava os dias deitado. «Tão novo e já abandonou o cultivo. O gado anda nos combros ao cuidado dos vizinhos. Vale-lhe uma tigela de caldo e um pedaço de pão que lhe deixam à porta.» Diziam. Ele permanecia indiferente. Um estado de ânimo por mais ninguém conhecido. «Se continuar assim, havemos de propor que parta para as Flores.» Ele, nada. Deitado sob a telha por limpar da sua casa, ao cimo da Canadinha.

Cansara-se. Trabalhara com afincos sem que visse diminuir a pobreza. Preto era alguém que não estava conforme com a sorte. Não se lamentava. Entregara-se a uma apatia, a um deixar correr. Lá fora, o bom e o mau tempo, as fúrias de tigres marinhos ou a acalmia do rosto de deus.

«Seria o homem mais feliz da ilha se tivesse dinheiro para passar o resto dos meus dias dentro de um belo fato cinzento.» Deitado sobre o feno deu-lhe para desejar um fato cinzento. Um avanço para quem se contentava com a indiferença, que tem sobre o mundo ao redor um efeito misterioso. Foi então que lhe apareceu um pequeno demónio. (Suponho que Emanuel, que dormia sobre o meu lado, interferiu no mobiliário da história e nomeou a presença de um anjo, em lugar do demónio. Senti uma forte tensão dentro de mim. O pulso acelerou. O mar ergueu vagas. Demónio e anjo sustentavam a luta. Nenhum venceu. Ficaram ambos, à vez, num regime de conflituosidade.)

O demónio-anjo disse: «Serás rico dentro do teu assertoado fato cinzento.» Não demorou muito para que a sua casa se convertesse numa sólida casa, de dois pisos em forma de L. Na cozinha, de grande pé direito, o forno tinha agora chaminé e a cozinheira mais

festejada do Corvo preparava-lhe o melhor guisado, o mais macio pão, as mais doces queijadas. No primeiro andar, um razoável luxo de tapetes, um bom colchão de penas substituíra a cama de feno. Preto estava feliz dentro do brilho sedoso do fato cinzento. Um criado atendia-o nos seus desejos; e não era difícil, pois um desejo à escala do Corvo andaria bem longe da imaginação de um desejo em qualquer outra das ilhas. Seria sempre de grande simplicidade.

Um dia o bispo chegou em visita às ilhas ocidentais. Um batel engalanado levou-o, do barco que o trouxera de Angra, aos primeiros degraus do cais da vila. Trazia um séquito invulgar, para quem, na ilha, estava habituado somente à visita do cobrador de impostos. Deslocava-se em passo de procissão, sob o pálio. Acompanhavam-no o deão, demais cônegos, secretário, criados. Na falta de aposento condigno ficaram instalados na própria quadra da igreja.

«De que me serve ter um belo fato cinzento e alguns cômodos. De que me serve ser deste modo rico, se não tenho um séquito como o do senhor bispo. Quero um pálio que me abrigue do sol e que proteja o meu fato cinzento. Assim, até me atreverei a abandonar a cama, a casa e a mostrar-me a toda a ilha. Tomarei batel e vou a Santa Cruz fazer visita aos frades de S. Boaventura.»



Fotografia: José de Sousa Gomes

Mas bastou a ideia da distância a que se encontrava deste desejo, para esmorecer de abatimento.

O anjo ou o pequeno demónio que o assistia, disse: «Assim irá acontecer.» Multiplicaram-se os servidores e sobre a sua cabeça sustentaram um dossel de cinzento pano adamasado. Preto foi, de desejo em desejo, reconhecido senhor da ilha; e o bispo, antes de abandonar, entrou no pátio da casa para lhe deixar a sua bênção. Cresceram e cresceram os desejos; e logo foi embarcação de alto mar cruzando o Atlântico, astro de intenso brilho, nuvem que se desfz em copiosa chuva e alagou as margens do caldeirão da ilha. A força transmissora de poder anuí sempre aos seus desejos, até que, por fim, Preto acabou transformado na totalidade pétrea da ilha.

Foi então que se viu, pela primeira vez, confrontado com alguma coisa que estava acima e abaixo dos desejos, antes e depois do anjo e do demónio. Era o espírito da ilha: negro, brilhante, nacarado como pez que tivesse aberto uma fractura de ouro negro no seu peito. Um corvo vivo gritou-lhe: «Miserável, inútil criatura, não passas de um animal despenado preso a um trapo monótono e cinzento.» Era uma voz que vinha de um ponto e, logo, de todos os instantes dentro de si. Preto minguou de temor e, à falta de desejo, pediu: «Quero voltar à forma primeira. À minha forma de homem.» O demónio, ou o que quer que fosse, atendeu-o; e ele regressou, não para a cama de feno, mas ao sentimento vivo de quem sente o sol e a chuva, o trabalho e o cansaço, a alegria e o desânimo. A viagem terminara. Não sem que antes, o mestre se tivesse erigido, a si mesmo, numa gloriosa figura de proa. Deu ao barco

velocidade e levou-o, rente à costa das Flores. Mostrou-nos grutas, despenhadeiros, ilhotas, de outro modo de inacessível visão. Quando desembarcámos percebí: a chegada, tão festiva, fora dedicada a Emanuel. De pé, junto do mestre, transformava a ocorrência física da paisagem numa inesperada possibilidade metafísica.

Durante muito tempo quis reconstituir a figura desse homem que se chamava Emanuel. Trazer aos meus olhos o seu perfil. Transpô-lo para o papel, tal qual se me mostrou. Primeiro, prisioneiro de um desesperado abraço. Depois, sentado ao meu lado, senhor de insinuante linguagem metafórica. Mas todos os seus traços fugiram, atenuaram-se, desapareceram. Hoje, anos passados sobre essa viagem do Corvo para Santa Cruz das Flores, sinto que quem se sentou ao meu lado e, adormecido, deixou a sua cabeça repousar sobre o meu ombro, não passava de um afogado. Alguém que uma vaga sedutora arrebatou com promessas e que, quando chegou o momento, nunca cumpriu. Foi essa a sua imagem manifesta, mesmo quando senti o calor tépido do lado do seu corpo. Um calor bem distinto daquele que se fazia sentir nesse quase anoitecer de Agosto. Ninguém devia saber o seu exacto nome. Talvez a mulher no cais se, acaso, fosse sua amante e não irmã, como me disse. Talvez o mestre do barco, tão senhor dos destinos de uma e de outra ilha. Mesmo assim, quando escrevo Emanuel, é como se as letras desse nome eternamente secassem, verão atrás de verão, ao vento do entardecer.

João Miguel
Fernandes Jorge

Quinta de S. Pedro

- ✦ Venda de plantas ornamentais para o seu jardim ou escritório
- ✦ Visite-nos todas as Sextas e Sábados todo o dia
- ✦ Atendimento personalizado
- ✦ Encomendas por telefone
- ✦ Orçamentos grátis



Rua Nova nº 1/3 | R. Seca - Rib. Grande | Peter Healion - Telm 917018729 - Telf 296477251



ala boote

*Boa Gastronomia
com o Mar
Como Horizonte*



Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023

À cavaqueira com...

Laura Coutinho

“A vida nem sempre nos sorri como nós sonhamos e desejaríamos que acontecesse”.

O Director deste jornal, meu amigo de longa data, doutor Mário Moura, desde a fase embrionária deste periódico mensal que vem insistindo no sentido de eu dar a minha colaboração. É claro, que me fui esquivando por diversos motivos: ora porque desconhecia o cerne do seu projecto e dos seus colaboradores; ora porque não sabia o leque do público que iria ser o receptor deste projecto e qual o *feed-back* possível; ora, e, sobretudo, por muito comodismo da minha parte e um certo receio de aceitar novos desafios. Já não sou novo, nem tão jovem (fisicamente é obvio!) para me atirar em novas porfias. Mas enfim!...

Como diz o povo: “água mole em pedra dura tanto bate que até fura”, acabei por sair “derrotado” e, sem mais argumentos, aceitei assinar uma coluna que fosse mais ao gosto das pessoas simples do povo, que tratasse de coisa sérias e também de trivialidades, que falasse de pessoas que, de uma maneira ou outra, tivessem tido influência no decurso normal da Ribeira Grande, Cidade e Concelho. Aliás, note-se, todo e qualquer cidadão influi no decurso da história do seu torrão, mas uns são mais influentes do que outros. É a lei da vida.

Assim, à minha responsabilidade, convidei uma Senhora que, no íntimo, sempre admirei, não só por ter sido a esposa de um grande amigo meu, e homem muito influente na vida da nossa edilidade e na sociedade ribeiragrandense, e, que - pasme-se! -, apesar dos nossos autarcas gostarem tanto de homenagear tudo e todos, ainda não foi alvo de um merecido reconhecimento quer pela edilidade, quer pelas instituições por onde passou e deixou marca. Mas também porque foi a Directora fundadora da, então, Escola Preparatória da Ribeira Grande, depois Escola Preparatória Gaspar Frutuoso e, hoje E B 2,3 Gaspar Frutuoso.

A Senhora doutora Laura Ferreira Quental Frias Coutinho, no seu modo reservado e assisado, aceitou cavaquear comigo. É claro que não vou fazer apresentações da minha

interlocutora, pois ela é muito conhecida da maioria das pessoas pelo contributo que já deu para o engrandecimento da nossa sociedade e por ser a Directora Técnica da Farmácia da Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande e porque, na sua maneira tímida de comunicar e com muita circunspecção, foi dizendo o que nos interessava que os leitores soubessem da sua pessoa. Assim e em discurso directo começemos:

“Não sou ribeiragrandense por nascimento. Nasci em Vila Franca do Campo, terra natal de minha mãe, meu pai, sim, era ribeiragrandense. Vivo nesta cidade desde o meu primeiro mês de vida. A minha infância foi cá passada, frequentei a Escola Central. Apenas voltava à Vila, para casa de minha avó, na Páscoa e no mês de Agosto. Depois continuei os meus estudos, até ao 5º Ano do Curso Geral dos Liceus, como interna no Colégio São Francisco Xavier e o até ao 7º (Curso Complementar dos Liceus) no Liceu Nacional de Ponta Delgada, hoje: Escola Secundária Antero de Quental.

Tive uma juventude normal com todas as alegrias, divertimentos e facilidades (que àquela época não eram muitas) próprias daquela idade. No Liceu e depois na Universidade fiz muitos amigos, vivendo eles na sua maioria em Ponta Delgada. Na Ribeira Grande tenho os amigos da infância. Afinal, a maior parte da minha juventude foi passada em Ponta Delgada, pois as férias eram em Vila Franca!”

Após ter introduzido algumas perguntas no sentido de indagar sobre os seus projectos de então, desafiei-a a que definisse a opção pela sua actual profissão. A minha,

interlocutora com fluidez e discernimento, sempre em discurso directo, retrucou-me:

“Primeiro pensei em ser professora, não da instrução primária

tinha uma “paixão” por esta cidade transmitiu-me o seu entusiasmo e aceitei o cargo de farmacêutica da Farmácia do Hospital, designação usada na altura.”.



Depois de abraçar este novo emprego, o que fez? Como foi regressar a Penates? Como decorreu a sua actividade extraprofissional? Perguntei eu. Novamente e com muita escoceiteza redarguiu:

“Decorria o ano de 1972 e apenas existia na, nossa cidade, o ensino oficial primário, pois o secundário, como agora se diz, era particular e ministrado no Externato Ribeiragrandense, onde também leccionei. Quem optava pelo ensino oficial obrigatoriamente tinha que se deslocar para Ponta Delgada.

como era o gosto de meus pais que, à semelhança dos outros e devido à mentalidade de então, receavam mandar uma filha para Lisboa ou Coimbra. Insisti no meu ponto de vista e um professor que me preparou para o exame de admissão à Universidade incentivou-me a tirar o curso de Farmácia, talvez porque pensou ser um curso mais adequado à minha personalidade. Acabado o curso regressei a São Miguel, casei e fixei residência em Ponta Delgada. Então, dei direcção técnica à Farmácia Açoreana e, paralelamente, leccionei físico-química no colégio São Francisco Xavier ou das Méres, como era mais conhecido naquela altura.

Pouco mais de um ano após a minha fixação em Ponta Delgada faleceu o farmacêutico da Farmácia da Santa Casa da Misericórdia da Ribeira Grande. Naquela altura o director clínico do Hospital, Dr. Jorge Gamboa Vasconcelos, convidou-me a aceitar o cargo que ainda hoje ocupo, certamente para me aliciar a regressar à R. Grande, onde meus pais viviam. Entretanto tentei resistir mas, como o meu marido, embora natural de Santa Maria,

O Presidente da Câmara na altura, o meu marido Fernando Monteiro, movido pelo seu grande entusiasmo e dedicação à nossa cidade, conseguiu implementar aqui o Ciclo Preparatório. Assim nasceu a E.P.G. Frutuoso onde, mais tarde, leccionei e fui Directora.

Então a Ribeira Grande atravessava um período de grande “euforia” e nascia, assim, o “Círculo dos Amigos”. O grande empenho e sensibilidade dos seus membros fizeram com que a sociedade ribeiragrandense adquirisse o gosto pelas festas, convívios, exposições, sessões culturais, etc., o que, ainda hoje, perdura.

Neste contexto tive uma vida social muito intensa. Para além da minha vida profissional, da criação e educação dos meus três filhos, tinha de acompanhar e apoiar o meu marido, então Presidente da Câmara e deputado à Assembleia Nacional.

Tudo passou muito rapidamente.

Veio o 25 de Abril, fui saneada da Escola Preparatória, à semelhança de todos os Directores dos estabelecimentos de ensino de todo o país e passamos a assistir a grandes mutações na sociedade em geral.”

Aqui solicitei-lhe que me falasse de trivialidades, de coisas mais leves, mais comuns e, a nossa interlocutora não vacilou, fazendo primeiro um pequeno preâmbulo:

“A vida nem sempre sorri como nós sonhamos e desejaríamos que acontecesse. Também tive momentos menos bons, alguns muito difíceis, mas como aparento ser uma pessoa calma e porque tenho muita fé consegui ultrapassá-los e manter a minha vida linearmente. Enfim, quanto ao resto: adoro o mar, o sol e o calor. São coisas que me transmitem muita calma e paz de espírito. A estação do ano que mais gosto é o Verão.

Não sou supersticiosa, mas não gosto de treze pessoas à mesa. Não acredito na felicidade plena e eterna.

Os meus filhos têm sido muito meus amigos e ajudaram-me muito nos momentos mais difíceis. Estão casados e residem na Ribeira Grande o que me permite vê-los amiúde, quase diariamente.

Já tenho três netos que me ajudam a ocupar os meus poucos tempos livres. Adoro-os e para mim são a maior maravilha do mundo”.

Muito mais haveria a dizer sobre esta Senhora que tão bem me recebeu mas, por motivos de paginação, fico-me por aqui. Obrigado Senhora Doutora Laura Coutinho!

Emanuel Martins

Artes e Artistas

A violinista Marta Sofia Botelho Vieira na Sic: 12 anos de talento

Só quem porventura ainda não tenha tido a dita de assistir a um concerto musical dos Irmãos Botelho Vieira poderá eventualmente estranhar a participação da Marta Sofia no programa de Carlos Cruz na Estação de Televisão SIC. Será apenas mais um merecido reconhecimento do enorme dote musical dos seis (o sétimo já iniciou os primeiros acordes musicais) membros daquela família Ribeiragrandense.

Marta Sofia tem apenas doze anos de idade e iniciou os estudos musicais aos seis anos na Academia de Música da Ribeira Grande. O seu enorme talento desde logo sobressaiu, tendo ingressado mais tarde no Conservatório Regional, em Ponta Delgada.

Do seu já promissor currículo fazem parte as participações no III e VI Curso Internacional de Guimarães para violino ministrados pelos professores Gerardo Ribeiro, da Northwestern University de Chicago, em Setembro de 1999 e por Anatoli Schwarzburg, em 2001. Em Maio de 2000, havia frequentado, na Cidade de Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, um curso de aperfeiçoamento de violino. Ainda no violino, obteve o primeiro lugar no concurso de composição com a peça “Meditação” concurso esse organizado pelo Conservatório Regional de Ponta Delgada.

Apesar da tenra idade, é aluna da professora

Natália Zhilkina, frequenta o 3.º grau de violino e faz parte da Orquestra de Câmara do Conservatório Regional.

É não só uma excelente executante, com uma promissora carreira à sua frente, mas também uma óptima aluna em outras disciplinas. É, pois, um exemplo de como é não só possível conciliar a música com outras actividades académicas como também desejável. Não admira, por conseguinte, que continue a ser justamente convidada para participar em eventos nacionais e internacionais.

Filomena Borges



FÓRUM DE CINEMA - 3ª PARTE

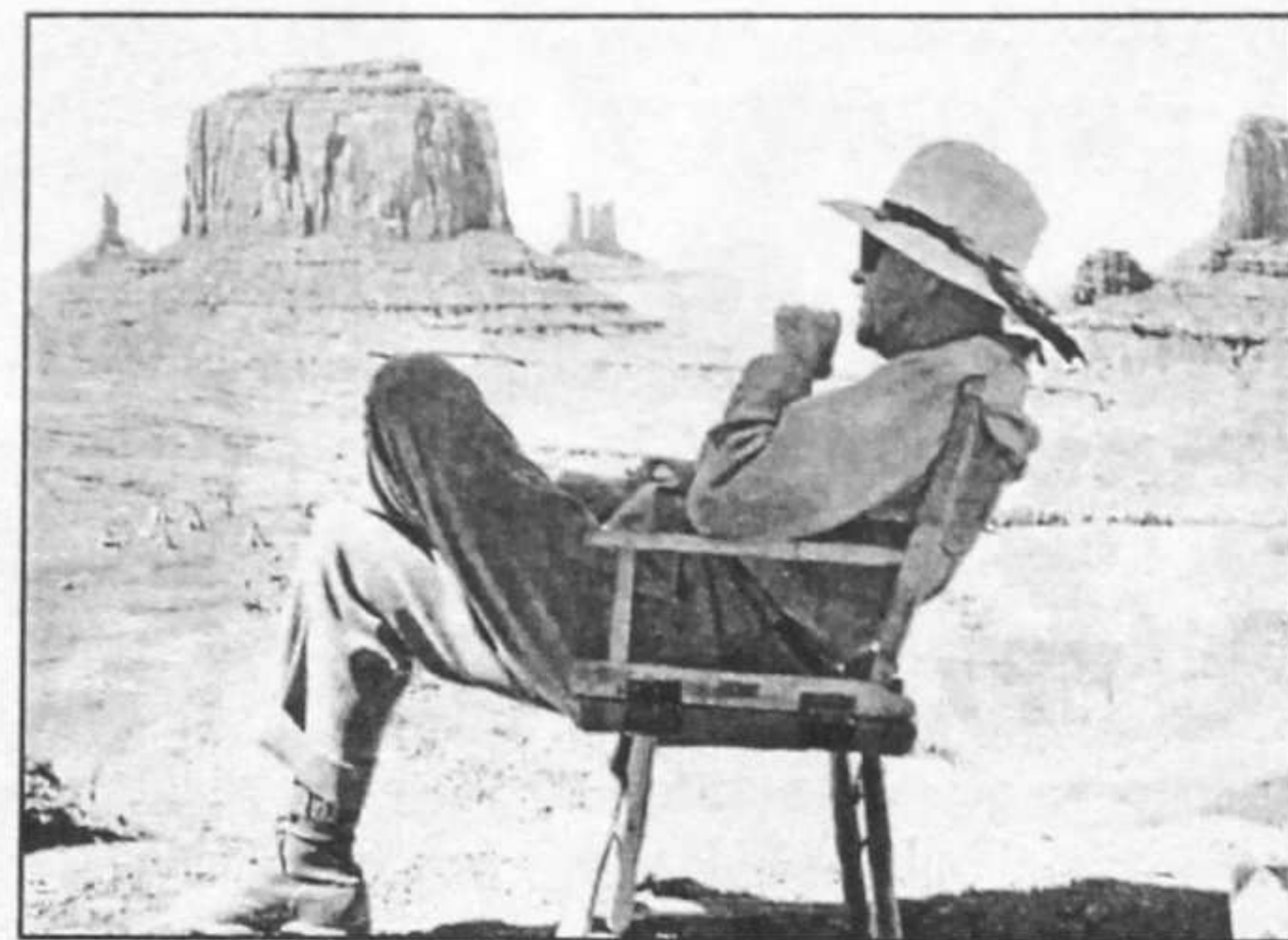


Vitorino Nemésio disse que nos Açores "a Geografia pode mais do que a História". Por vezes, parece que o mesmo se poderia dizer da América, onde a História é fortemente condicionada pela vastidão geográfica do país. Vastidão essa repetidamente reflectida no cinema americano, nomeadamente em John Ford, que abordamos aqui, e que soube como ninguém trazer para a tela a majestade da paisagem americana, com os seus magníficos planos de "Monument Valley" a tornarem-se em autênticas metáforas do espírito e da mística norte-americana. Não é apenas na imagética que a Geografia se sobrepõe à História no cinema americano. A imensidão do país impõe também um género, o "road movie", presente em muitas formas quase desde o início de Hollywood, e que por vezes se encontra disfarçado em sub-género dentro de outro género, como por exemplo em *A Desaparecida*, *Stagecoach*, ou *Autono Cheyenne*, todos "westerns" de

Ford. *As vinhas da Ira*, o filme de John Ford que a Cinemateca nos trouxe ao Fórum de Cinema, também poderá ser classificado no género de "road movie". Um "road movie" um bocado diferente, onde predomina uma consciência social, destilada directamente da obra homónima de John Steinbeck, de onde o filme foi adaptado, e na qual se respira uma atmosfera neo-realista. Aliás o neo-realismo, enquanto corrente literária e cinematográfica, terá ido buscar algumas influências a Steinbeck e a outros autores americanos que nos anos 20 e 30 reflectiram uma forte consciência social nos seus trabalhos. Mas, no filme de Ford, essa consciência social é transformada pelo seu marcado catolicismo de irlandês, um catolicismo estóico e de luta, ao contrário do catolicismo de aceitação e resignação do mundo latino, que ao invés de enfraquecer a veia neo-realista da narrativa, a vai potenciar, assimilando o difuso panteísmo de Steinbeck à sua mística visão cristã do mundo. O catolicismo é nesta obra um agente de resistência e base ideológica, que simultaneamente enquadra, norteia e justifica a luta dos despojados. A grande diferença é que aqui essa luta não se faz em nome de uma

ideologia política, mas sim em nome da essência humana, traduzida neste filme como a alma colectiva da qual todos nós temos um pedacinho, como diz a figura do pregador numa das suas cenas (1). *As Vinhas da Ira* são uma espécie de veículo em que Ford e Steinbeck se encontram na Highway 66 (2). O filme mantém-se fiel à narrativa que Steinbeck nos propõe no seu livro, e mesmo a cena final, substituída por outra no filme, contém a mesma mensagem. Steinbeck termina com Rose Sharon, que perdera um bebé, a amamentar um homem que encontraram a morrer de subnutrição, numa cena final em que esse gesto é a única nota de humanidade num universo que parece ter esquecido o significado dessa palavra. Esse final seria demasiado para a Hollywood dos anos 40, e o filme de Ford termina com os Joad na estrada, sem terem para onde ir. Mas as palavras da matriarca da família, enquanto o carro avança pela escuridão da noite, dão a mesma nota de esperança que o gesto de Rose Sharon. Escrito pelo produtor do filme, Darryl Zanuck, o solilóquio de Ma Joad é um voto de confiança na classe trabalhadora: "We keep acoming". We're the people that live. Can't nobody wipe us

out..." (3) Com essas palavras Ma Joad resume a tese do filme, de que só o povo pode olhar por si e que na sua luta pela justiça social a única solidariedade com que pode contar é a dos desprotegidos (4). As palavras de Ma Joad no filme assentam no gesto de solidariedade humana sem paralelo de Rose Sharon no livro. Uma classe social capaz de um gesto desses não pode ser derrotada. A fidelidade do filme ao livro que lhe deu origem não significa subserviência. A aceitação de Ford do guião de Nunnally Johnson, quase sem alterações não o impediu de lhe imprimir a sua forte assinatura pessoal, visível na direcção de actores, interpretação dos diálogos e marcação de cenas. Mas é no aspecto visual que Ford nos brinda do modo a que sempre nos acostumou, com a paisagem a ocupar um importante primeiro plano como elemento narrativo. Fotografado por Gregg Toland, que um ano mais tarde, em 1941, fotografaria *Citizen Kane*, o filme torna a vastidão majestosa da América num personagem. Mas o contributo de Toland não se limita aos seus magníficos enquadramentos. A sua iluminação em "chiaroscuro" sublinha de forma subtil e silenciosa a dramaticidade da saga dos Joad, num perfeito



trabalho de equipa com Ford. Ma e Pa Joad, uncle John, Tom, Rose of Sharon, Noah, Grandma e Grandpa, o pregador Casey e muitos outros personagens desfilam em frente à câmara de Toland pela mão segura de Ford, personificando o sofrimento dos "Okies", pequenos agricultores do "midwest" americano que arruinados pela erosão dos solos, se viram expulsos das terras que vinham cultivando há gerações, e condenados à situação de proletários errantes, emigrantes perseguidos e indesejados num país que era suposto de ser o seu. É uma das páginas mais tristes da História dos Estados Unidos. Uma página que Ford nos traz com o seu estilo seguro, com uma crueza quase documental, mas sem histerias nem melodramatismos. A enormidade da injustiça feita a essas famílias necessitava de ser denunciada, e pode-se dizer que no cinema os Joad e todos aqueles que eles representam encontraram em Ford o narrador mais capaz de lhes fazer justiça.

(1) No filme o pregador Casey diz: "A fella ain't got a soul of his own, but only a piece of a big soul, the one big soul that belongs to everybody", uma afirmação que encontra raízes no colectivismo das doutrinas de esquerda e se opõe fortemente ao individualismo capitalista.

(2) Nos anos 30 a Highway 66, que atravessava o Arizona, era passagem obrigatória para aqueles que se dirigiam à Califórnia. Foi através dela que os despojados "Okies" rumaram à falsa promessa do El Dorado californiano. Após a 2.ª Grande Guerra, a expansão da rede de auto-estradas levou ao declínio e decadência da Highway 66, até que, à boa maneira americana, foi convertida numa atracção turística e inclusive musealizada, com base na fama do livro de Steinbeck.

(3) Não deixa de ser irónico que essas palavras, com ressaibo a manifesto da classe trabalhadora fossem escritas por Zanuck, que além de produtor era na altura o presidente da Twentieth-Century Fox, um dos expoentes do capitalismo norte-americano.

(4) O filme mostra uma lógica de desumanização dos "okies", os despojados do midwest que emigraram nessa altura para a Califórnia, por parte das populações locais. Essa lógica é a mesma que serve de motor ao racismo, ou a qualquer outra doutrina discriminatória.

Manuel Bernardo Cabral

Será que os políticos se preocupam com as crianças?



Para os idosos, conviver é importante. Para os adultos, trabalhar é importante. Para os adolescentes, a liberdade é importante. E para as crianças o que é importante? Acho que devemos reflectir um pouco e pensar no que as crianças gostam de fazer. Eu acho que todas as crianças gostam de conviver umas com as outras, e de aprender também, mas o mais importante para a vida delas é brincar. Brincar

é uma palavra com um significado muito forte para as crianças. Por isso, e por muitas outras razões, acho que o Sr. Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande e todos os outros políticos, deviam pensar mais nas crianças e tomar uma atitude que já devia ter sido tomada há muito tempo: arranjar o «Parque Infantil da Ribeira Grande». Escrevo assim porque para mim aquilo não é um Parque Infantil mas sim um local onde as crianças não podem brincar. Por isso, apelo ao sr. Presidente que tome providências e que não deixe de lado este artigo. Pensem nas crianças e também no Ambiente, porque só com um bom Ambiente as crianças poderão viver a sua infância.

Joana Medeiros, 13 anos

visite-nos

Chá Porto Formoso

Jardins Panorâmicos
Fábrica de Chá
Espaço Museológico
Sala de Chá e Loja
Horário: das 10 às 18H
de Segunda a Sábado

Nortadas nortadas@mail.pt

Um ano já cá canta!

Diz-se com razão que o tempo voa. Apesar da enorme carga de trabalhos, só atenuada pelo esforçado amor à camisola da nossa 'maravilhosa' equipa, este ano de publicação voou célere. Obrigado a todos, colaboradores, membros da Cooperativa Mãe d'Água, patrocinadores e leitores. Prometemos continuar a aprender com todos.

Ribeirinha de parabéns!

A Junta de Freguesia e a Câmara Municipal estão de parabéns pelo excelente trabalho de aproveitamento urbano do troço da margem da ribeira ao fim da avenida. É exemplo a seguir nos troços da ribeira Grande da Ponte Nova à Mãe d'Água e da foz à ponte do Paraíso.

Peta!

É tão genuíno e veemente o desejo dos ribeiragrandenses para que a Via Litoral comece, uma justa e necessária aspiração centenária, que há quem não acredite que a nossa peta de Abril acerca do início da obra seja mesmo peta, por mais que se diga que é peta. Foram centenas os que se deslocaram, a pé ou de carro, à beira-mar e centenas os que responderam ao inquérito por nós lançado no nosso jornal on-line. Oxalá para o ano não seja peta. Para bem de todos nós.

Desculpem lá!

Cibernautas!

Foram muitos os cibernautas que, habituados a ler o 'A Estrela Oriental' na rede, quiseram saber a razão pela qual durante duas semanas não conseguiam entrar no nosso 'site'. Problemas de ligação ao alojamento, que, calculam era na África do Sul, de pronto resolvidos com muita ciência e paciência pelo Hélder e Manuel António.

A ver navios!

Publicidade da Semana das Pescas? Por um canudo. Da OTL? A ver navios. E assim por diante. Por que será que o nosso jornal num ano de vida não teve qualquer publicidade governamental, nem Rosa nem Laranja?

Afinal há quem leia!

Apesar de os nossos colegas não nos darem troco, os editoriais do 'A Estrela

Oriental', porque fazem algum sentido e vão direitos ao assunto, doa a quem doer, ao que nos dizem, têm sido 'badalados'!

Cartoons certos!

Santo remédio. Que o digam os do Parque Industrial de São Miguel na segunda-feira a seguir à saída do jornal. O dito nunca esteve tão limpo, apurado e de covas tapadas. Um brinco.

Infraestruturas indignas de Cidade

Existem estruturas indignas de Cidade e a autarquia, sendo a entidade que licencia obras, tem 'a faca e o queijo' para o contrariar. O edifício dos CTT nem sequer merece a dignidade de aldeia, o mesmo se aplica aos edifícios da Polícia de Segurança Pública e do Tribunal. Entre outros, infelizmente.

Acessibilidades: artérias vitais de uma comunidade

Mais da metade da população dos Açores não utiliza o barco nem o avião como meio de transporte de bens e de pessoas, usa a estrada, porém, esta população dispõe da pior rede de estradas da União Europeia. Um concelho como o da Ribeira Grande, situado no centro Norte da ilha de São Miguel, que faz fronteira com os cinco restantes da ilha, comunica mal com os do Sul, exceptuando a parte Sul de Ponta Delgada, e pouco mais com o seu lado Nascente.

Isto vem a propósito da anunciada construção de uma rede de estradas na maior ilha do arquipélago, apresentada pelo dinâmico, corajoso e clarividente Secretário Regional José Contente, um autêntico Fontes Pereira de Melo do século XXI, inserida num esquema de engenharia financeira denominado *Project Finance*, bastante criticado por peritos na área na imprensa nacional, que a vêem como um expediente saloio para encobrir possíveis défices das contas públicas. Ora, para nós ribeiragrandenses, como para o resto dos Concelhos limítrofes, é preciso saber se o itinerário da pretendida rede rodoviária vai ao encontro da nossa estratégia de desenvolvimento.

Horários de Convento

A malta noctívaga da Cidade e arredores queixa-

se de que existem poucas alternativas na Ribeira Grande e de que os horários são mais adequados às severas regras conventuais do que a cidadãos normais.

Hospital

O Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Ribeira Grande é feito de cinco séculos de dedicação e de sacrifício de todos os ribeiragrandenses. Foram eles que lhe deram o nome e serão só eles, se assim o entenderem, que o mudarão. Têm esse direito. Não há nenhum governo das três Cidades, esteja onde estiver, seja de que cor for, que tenha a legitimidade para alterar este facto inalienável. Para nós, seus descendentes e herdeiros, não existe Centro de Saúde, mas Hospital de Ribeira Grande. Ponto Final. Até porque, se uma ilha como a do Faial, com muito menos população que a R.G., tem um Hospital Concelhio transformado por Decreto-Regional em Regional e um Centro de Saúde, mais razões terá a 2.ª Cidade da ilha de São Miguel, que tem mais de metade da população do arquipélago. Que estranha Autonomia esta. Temos dito.

Cintos de (in)segurança

Segundo algumas estimativas, não confirmadas oficialmente, existirão mais de 40% de perigosos criminosos à solta no interior da nossa cidade. A PSP local não tem tido mãos a medir para pôr cobro a tal onda avassaladora que ameaça mesmo alastrar a todos os estratos da comunidade, incluindo agentes da autoridade, em serviço ou à paisana. Por qualquer estranho desvario, não se trata de escandaloso excesso de velocidade, algo menor, ou de egoísta estacionamento obstrutivo da via pública, outro procedimento menor, mas algo de inexcusável e incontornável importância: a condução no interior da Cidade à supersónica velocidade de 20KM/h sem a utilização do cinto de segurança.

Destaque

Jovens da Ribeira Grande à Descoberta de Portugal Continental



No dia 26 de Março, um grupo de 21 jovens da Ribeira Grande partiu numa excursão a Portugal Continental. Esta iniciativa, da responsabilidade de Nelson Tavares, visou o conhecimento de diversas realidades sócio-culturais, tais como as de Lisboa, Fátima, Coimbra, Porto e Guimarães.

Com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, este grupo com jovens das freguesias de Rabo de Peixe, Ribeirinha, Matriz, Conceição, Ribeira Seca e Santa Bárbara, pretendeu desenvolver os seus horizontes históricos, culturais, paisagísticos, artísticos, sociais e económicos. A viagem foi possível com os apoios da Secretaria Regional da Juventude, das Juntas de Freguesia da Conceição, Matriz, Santa Bárbara e Ribeira Seca, da Câmara Municipal de Ribeira Grande e da Empresa "Fernando Terceira Construções".

Deste modo, é cada vez mais necessário que se integre os jovens na sociedade, promovendo a igualdade de oportunidades através de iniciativas criativas. Grande parte do grupo nunca teve a oportunidade de conhecer a capital do seu país, por razões de desfavorecimento económico e, assim, é salutar abrir novos horizontes no contacto com outras realidades sociais.

Novo quartel dos Bombeiros: propostas para a sua construção

No dia 26 de Março último, em Acto Público, teve lugar a abertura das propostas no âmbito do 'Concurso Público Internacional para a Adjudicação da Empreitada de Construção do Novo Quartel dos Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande'. Um bem haja! O seu grande sonho está cada vez mais perto de ser concretizado. Foram apresentadas sete propostas. Entretanto, duas foram excluídas. Sobre os Lotes patentes a Concurso (ver quadros I, Constituição, e II, Concorrentes e Valores), cuja opção de adjudicação irá incidir sobre um deles, o Lote 1 diz respeito à construção total do quartel, enquanto os Lotes 2 e 3, em ordem decrescente, à sua construção parcial. Porém, para garantir a inevitável funcionalidade do novo quartel, nos três Lotes ressalta em comum: o Estaleiro, a Zona Associativa e Operacional, a Garagem, os Arranjos Exteriores e as Infraestruturas Mecânicas e Eléctricas. Provavelmente a depender da questão do seu financiamento, a construção do novo quartel dos Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande poderá ter o seu início através da adjudicação de um dos Lotes que não implica a sua total construção, contudo, tal facto não deixará de o tornar operacional. Depois de apreciadas as propostas em Comissão de Análise, esta constituída por um representante dos Bombeiros Voluntários, dois Engenheiros Cívicos, um Economista e um Jurista, a Direcção daquela entidade, sob a presidência do Senhor Viriato Madeira, procederá, espera-se que sem muita delonga, à adjudicação da proposta que considerar mais adequada.

CONSTITUIÇÃO DOS LOTES

QUADRO I

LOTE 1	LOTE 2	LOTE 3
CAPÍTULOS:	CAPÍTULOS:	CAPÍTULOS:
ESTALEIRO	ESTALEIRO	ESTALEIRO
ZONA ASSOCIATIVA E OPERACIONAL	ZONA ASSOCIATIVA E OPERACIONAL	ZONA ASSOCIATIVA E OPERACIONAL
CASA ESCOLA	CASA ESCOLA	
GARAGEM	GARAGEM	GARAGEM
GINÁSIO		
TANQUE DE APRENDIZAGEM		
ARRANJOS EXTERIORES	ARRANJOS EXTERIORES / PARTE	ARRANJOS EXTERIORES / PARTE
INFRAESTRUTURAS MECÂNICAS	INFRAESTRUTURAS MECÂNICAS / PARTE	INFRAESTRUTURAS MECÂNICAS / PARTE
INFRAESTRUTURAS ELÉCTRICAS	INFRAESTRUTURAS ELÉCTRICAS / PARTE	INFRAESTRUTURAS ELÉCTRICAS / PARTE

VALORES DE CONCURSO

QUADRO II

CONCORRENTES	LOTE 1	LOTE 2	LOTE 3
EDIFER CONSTRUÇÕES	8.381.360,00	5.168.476,00	4.496.433,74
MFM-CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS	8.732.975,66	5.401.981,23	5.004.264,70
TÉCNÓVIA AÇORES-SOCIEDADE DE EMPREITADAS Lda	7.799.832,00	5.067.173,59	4.335.998,00
EDIÇOR	8.040.663,00	4.990.701,50	4.302.764,00
ENGIL - SOCIEDADE DE CONSTRUÇÃO CIVIL, S.ª	8.350.000,00	5.400.000,00	5.000.000,00
PREÇO BASE	6.484.372,65	4.239.782,13	3.491.585,28



Crónica Mal-Humorada

Orçamentos e outras imperfeições



Um orçamento é coisa que qualquer pessoa faz, mesmo sem ter tirado um curso de economia ou de gestão de empresas. Difícil é trabalhar para conseguir o essencial num orçamento, sobretudo quando se quer mais do que se pode. Nos Açores, se uma Junta de Freguesia não arranja um caminho para os lavradores, queixa-se da Câmara Municipal; se a Câmara Municipal não cuida do saneamento básico, alija a carga para o Governo Regional; se o Governo Regional não abre a estrada de três ou mais faixas, a responsabilidade é do Governo da República. Nestas ilhas, não há, portanto, ninguém que seja culpado. No Dia do Juízo Final seremos todos tão santos que

nem sequer vale a pena preocuparmo-nos com o que nos há-de acontecer. Para isso estarão lá o Pina Moura ou a Manuela Ferreira Leite, e é bem feito.

Aqui só há gente trabalhadora, consciente dos seus deveres cívicos, capaz de se esfalfar mais do que vinte e quatro horas por dia. A prova disso mandou-ma pessoa amiga numa fotografia tirada a um pequeno cartaz, escrupulosamente pregado na porta da sala de jantar de um hotel de Ponta Delgada. Consta nele que o horário das refeições é das 19h às 24h 30m. Só agora compreendi aquele título do romance mais famoso de Virgil Gheorghiu, "A Vigésima Quinta Hora". Gente culta é outra coisa. Como a que escreveu um sério aviso numa tabuleta, algures no Norte do Continente Português: "Proibido Bazar Lixo". Entre nós, como não é proibido "bazar" lixo - ou, se o é, poucos fazem caso -, a nossa Câmara resolveu oferecer-nos, para evitar tentações de insanidade pública, uns contentores de lixo tão grandes que dariam para um restaurante, mesmo daqueles que trabalham até às 24h 30m. A semana escolhida para a distribuição veio a calhar, porque precedeu o dia das eleições, e, como se sabe, nesses tempos difíceis os orçamentos são sempre mais generosos. Depois é que tudo fia mais fino, e não apenas em terra de fuseiros, tanto mais que me informaram de que uma Câmara Municipal que mudou de partido, na nossa ilha, tomou uma medida drástica para ajudar a equilibrar o seu orçamento. Os gestores agora derrotados haviam resolvido pagar as contas de electricidade de alguns munícipes pobres. Vai então a nova edilidade e obriga toda essa gente a entregar à Câmara o valor exacto do que ela dispendera com eles em facturas da EDA. Mais uma prova de que quem está bem não se deve mudar.

Apetece é uma boa cantiga das "velhas", à moda da Terceira. Pois que assim seja.

O velho dava que dava
E muito que trabalhava,
Sem descansar um momento.

A velha fazia a conta
Sem nunca encontrar a ponta
Do novelo do orçamento.

Quase a velha enlouquecia
C'o resultado que dava,
Pois quanto mais lhe mexia
Mais o orçamento mingua.

Daniel de Sá

Economia

joaot@notes.uac.pt

Políticas estruturais



Na sequência do meu artigo da última edição do A Estrela Oriental, intitulado "Melhores salários, maior produtividade", gostaria agora de discutir as políticas estruturais que são, por inúmeros economistas, apontadas como a via para o crescimento da produtividade dos trabalhadores portugueses e a consequente convergência salarial a longo prazo com os nossos parceiros europeus.

A união monetária europeia reduziu substancialmente a possibilidade de os governos dos Estados participantes recorrerem aos instrumentos tradicionais de política económica para alcançarem os seus objectivos económicos (perderam para o Banco Central Europeu os instrumentos monetário e cambial e enfrentam fortes restrições no domínio orçamental e fiscal). Neste contexto, surge uma pressão natural sobre os governos no

sentido de lançarem mão de outros instrumentos, nomeadamente as políticas estruturais.

O objectivo essencial dessas políticas consiste no aumento da produtividade, no crescimento económico sustentado e não inflacionista e na redução do emprego estrutural. Poder-se-ia agrupar as políticas estruturais em quatro grandes grupos: flexibilização do mercado de bens e serviços; aumento da flexibilização do mercado de trabalho; outras políticas dirigidas à eficiência da produção; e políticas estruturais que visam reduzir a despesa pública (mais especificamente o défice estrutural primário).

A flexibilização do mercado de bens e serviços passa pela maior facilidade de entrada e saída de empresas, eliminando regulamentações desnecessárias. Actualmente as regulamentações administrativas e o excesso de formalidades (por exemplo na criação de empresas) constituem uma ineficiência para as pequenas e médias empresas.

A segunda política estrutural, aumento da flexibilização do mercado de trabalho, compreende a redução da rigidez dos salários reais, a flexibilidade do tempo de trabalho e da organização dos recursos humanos nas empresas, o aumento da mobilidade e adaptabilidade dos trabalhadores e uma legislação laboral menos restritiva. No âmbito das outras políticas dirigidas à eficiência da produção, destaca-se o aperfeiçoamento dos sistemas de formação profissional, a redução dos custos não salariais da mão-de-obra (contribuições para a segurança social), com ênfase para a mão-de-obra pouco qualificada, o aumento da eficiência da administração pública, o desenvolvimento do espírito de iniciativa empresarial e de inovação, a redução dos custos de burocracia ligados ao investimento e à vida das empresas, em especial das PME's, e a aposta nas redes de telecomunicações e tecnologias de informação.

Por fim, um conjunto de reformas estruturais que Portugal deverá desenvolver, com reflexos na vida de cada um de nós, que visam essencialmente a redução da despesa pública para que se possa ter algum equilíbrio das contas públicas nos períodos de abrandamento económico. A este nível, temos a reforma da saúde, que visa uma racionalização dos fundos públicos; a melhoria da eficácia da máquina fiscal, visando reduzir a evasão e fraude fiscais; e a flexibilização da mão-de-obra do sector público. Neste último aspecto, há muito a fazer no campo da motivação dos funcionários públicos. Não faz sentido que praticamente todos os funcionários públicos tenham as mesmas avaliações no final do ano. Claramente que existem pessoas que trabalham mais e melhor e outras que nem tanto. Tal como acontece nas empresas privadas, dever-se-á premiar o mérito e a produtividade. Sem um sistema de incentivos verdadeiramente justo na função pública, dificilmente conseguiremos funcionários competitivos e motivados. Claro que sem esta competitividade não podemos aspirar a salários próximos dos nossos parceiros europeus.

Uma vez apontadas estas medidas estruturais, pode parecer simples o crescimento da produtividade dos trabalhadores portugueses. No entanto, este é um processo difícil que exige uma cultura de exigência e de rigor por parte de cada trabalhador e, acima de tudo, de coragem política por parte dos nossos ministros, secretários regionais, autarcas e presidentes de junta.

João Teixeira

Contraste +

fotógrafo



Uns abrem: 2ª fase da variante sul

Contraste -

fotógrafo



Outros fecham: Areal de Santa Bárbara



Modelo

**Custa Pouco
Viver Melhor**

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande



A promoção e divulgação de raízes, tradições e individualidades é sem dúvida uma componente importante em qualquer sociedade. A Junta de Freguesia de Ribeira Seca, atenta a essa realidade, associa-se ao *Jornal A Estrela Oriental* nesta importante iniciativa de dar a conhecer uma cidadã ilustre da nossa terra: a Venerável Madre Teresa da Anunciada.



Teresa de Jesus

Reportagem

Hermano Teodoro



Teresa da Anunciada, busto de Maria da Conceição Branco Aguiar



Senhor Santo Cristo dos Milagres, estampa, Museu de Ribeira Grande

Terra natal

Gaspar Frutuoso se fosse vivo com toda a certeza que escreveria, em novas *Saudades da Terra*, que a freguesia de Ribeira Seca, com seu patrono o Apóstolo Pedro, para além das mais antigas do Concelho de Ribeira Grande, é, sem dúvida, daqueles lugares dignos de memória. Homem ligado à Igreja e, por via disso, atento ao pulsar de qualquer comunidade onde se encontrasse inserido faria recordar o seu património (religioso, civil e etnográfico), as suas individualidades e o seu manancial económico. Os lugares e os nomes que soassem ligados a esse imbricado

de cultura e economia seriam ressaltados. Poderia começar pela sua arquitectura religiosa, numa freguesia com quatro ermidas seculares sobreviventes e três desaparecidas [a da Senhora das Vinhas, Mafoma, da Saúde, Morro, e dos Aflitos...], uma paroquial, a de São Pedro, e, depois, por Teresa de Jesus, filha décima terceira de Jerónimo Ledo Paiva e de Maria do Rego Quintanilha, nascida e baptizada naquela paroquial, em Novembro do ano de 1658, grande impulsionadora do culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres, no Convento de Nossa Senhora da Esperança,

cidade de Ponta Delgada, futura Venerável Madre Teresa da Anunciada. Por outro lado, entre as lendas e o culto do Divino Espírito Santo, tão querido das gentes açorianas, vincaria a perenidade das *Cavalcadas de São Pedro*, presentemente, realizadas no Feriado Municipal, 29 de Junho, e a Dona, recentemente, falecida, que de longa data, no seu exuberante Solar da Mafoma, as garantiu: Maria Motta. Finalmente, lembraria a riqueza económica da freguesia, já que nela a agricultura, no trabalho dos Couto, dos Pereira, dos Teves, dos Furna, o comércio, no fulgor

da família Correia, Diogo e Creador, a restauração, com o persistente Silva, a construção civil dos Ferreira de Medeiros e dos Gouveia Moniz, a indústria de lacticínios, na pessoa, que não sendo da terra, mas que a mesma o considera, Costa Leite [não há muito tempo a transformação do chá era preponderante na freguesia: foi o caso das fábricas da Mafoma e da Barrosa, hoje, desactivadas], o lazer, nos seus bares, por exemplo, os da família Pacheco, e até mesmo o expectante Parque Industrial, suposto ser da Ilha de São Miguel, dar-lhe-iam, no seio de

muitos mais exemplos de tenacidade e oportunidade (veja-se o caso do Areal de Santa Bárbara), sobejas provas para figurarem nas suas novas *Saudades da Terra*. Porém, uma figura, Esposa de Jesus Cristo, haveria de prolongar, perene e grandemente, o nome da freguesia, seu nome: Teresa de Jesus. Aqui, ouvindo em importância as suas palavras, porque, ao que parece as têm evitado, e nunca de um modo dado como definitivo, em um lado, mostrar-se-á um pouco da sua vida e, em outro, aquilo que tem vindo a acontecer depois da sua morte.

Primeiros amores de Teresa: Santo Cristo dos Terceiros

Teresa de Jesus, antes de ingressar no Convento da Esperança [tomou o véu de noviça em 1682, vindo a professor em 1683], foi assídua da igreja do Convento dos Frades Terceiros, na ex-Vila da Ribeira Grande. Igreja fundada sobre uma ermida da advocação da Senhora de Guadalupe, um culto mariano secular, actualmente, em demorada recuperação, nela se rezou missa, pela primeira vez, no ano de 1613. Construída em tempo maneirista, a sua fachada ostenta pormenores curiosos: torre incorporada, curvas e contra-curvas, dizem que barrocas, e, no cimo, o símbolo da Ordem Franciscana [dois braços cruzados sobre uma cruz: a acção]. Segundo a sua *autobiografia*, iniciada a mando dos seus confessores, em 1703, cujo original se desconhece o seu paradeiro [existem duas cópias no Arquivo do Convento de Nossa Senhora da Esperança, ainda inéditas; a cópia manuscrita que aqui se segue parte dela possui *narrador*, sendo que a restante parte, em maior extensão, encontra-se escrita na *primeira pessoa*], Teresa ali havia de encontrar os seus 'primeiros amores': o Santo Cristo flagelado dos Terceiros, 'Imagem', no seu dizer, 'muito milagroza'.

[fl. 56 r]. Numa lenda, conta-se que o Santo Cristo dos Frades foi encontrado dentro de uma caixa no mar junto ao porto de Santa Iria, freguesia da Ribeirinha, Cidade de Ribeira Grande, outrora muito activo. Na tentativa de o transportar para Ponta Delgada, os bois que o carregavam estancaram junto da igreja dos Frades Terceiros. Daí não arredaram pé até à sua colocação naquela igreja. Porém, Agostinho de Monte Alverne, nas suas *Crónicas*, refere que o Santo Cristo, encomenda dos Frades Terceiros, desembarca no porto de Santa Iria em 1664, tendo sido levado em procissão para o seu Convento. Eram famosas as Procissões dos Terceiros, com o seu Santo Cristo pregado à Coluna. Depois da transição do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Ribeira Grande para o ex-convento dos Frades (1839), o Santo Cristo dos Terceiros tem vindo a sair, anualmente, em Procissão, no primeiro Domingo da Quaresma, desta feita organizada pelos irmãos da Santa Casa Misericórdia. Presentemente, a cidade de Ribeira Grande enche-se de forasteiros na demanda de assistirem ao cortejo daquele Jesus preso

a um *madeiro*. Na *autobiografia* teresiana, em contexto da morte de sua mãe [1681], lê-se que: 'ficou a serva de Deus Thereza da Numpciada só com sua Irmã Joanna de Santo Antonio saudoza da companhia de sua amante May comessou logo a dispor de tudo o que tinha de infeytes, tudo distribuhio com Deus, fez huã toalha de Renda muito corioza, e dia de Paschoa a foy por ao bom JESVS dos Terceiros [ou 'Christo dos Terceiros', fl. 56 r], e lhe pedio puzesse os seus olhos nella, e na Soledade em que a deyxara sem May, nem quem a defende do poder daquelle Irmão [Braz do Rego Quintanilha], que ja em vida de sua May a queria cazar, agora com mais facilidade o faria, mas que ella não queria outro Espozo senão a elle'. [fl. 4 r]. Teresa de Jesus, já ingressa no Convento da Esperança, como que fruto de um acaso, iria dirigir os seus *amores* para um outro Cristo flagelado, o dos Milagres. Com o seu dinâmico culto em redor do Senhor Santo Cristo dos Milagres, a Venerável, clarissa que foi, acabou por evidenciar uma das vertentes essenciais do franciscanismo: a centralidade da figura de Cristo.



Procissão dos Terceiros, 2002

'Descascar o ovo do folar' na Mãe de Deus



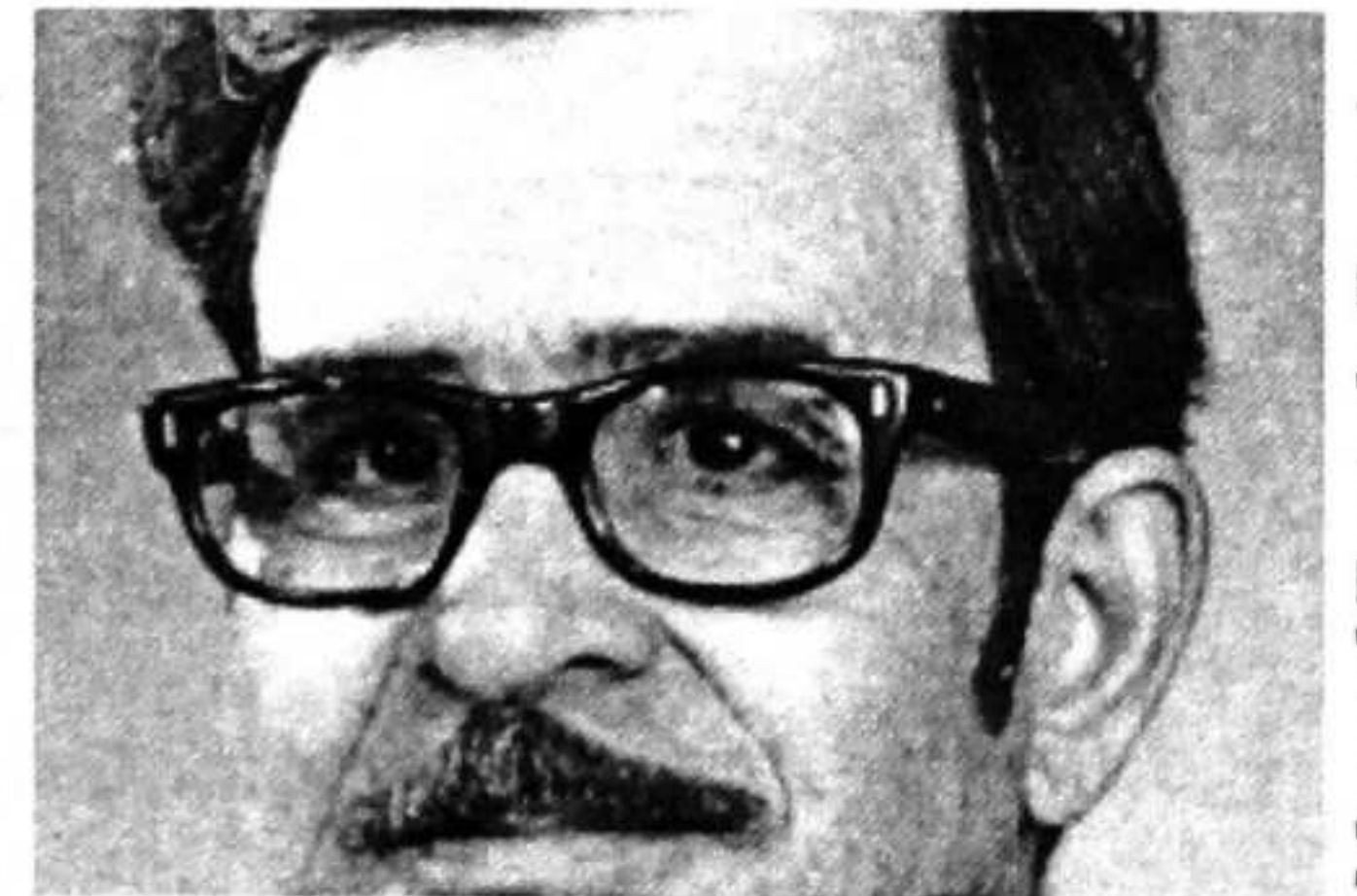
De entre as várias ermidas que a freguesia de Ribeira Seca se orgulha de possuir, a da Mãe de Deus, referida por Gaspar Frutuoso, no seu Livro IV das *Saudades da Terra*; isto é, com uma existência de mais de quatrocentos anos, foi objecto de culto de Teresa de Jesus. Com sua mãe chegou a peregrinar para ali devotar a Mãe do Senhor. Ao tempo da infância da Venerável, tudo leva a crer que era uma ermida muito concorrida. A dar conta dessa possibilidade, em trelado perpétuo que 'Pedro Alueres e sua mulher por testamento' fizeram, em 27 Outubro, de

1665, deram encargo de 'hua capella de missas' a serem 'rezadas em cada hu anno aos sabados na Snrã: da Madre de Deos e os Religiozos a dirão'. Refira-se que religiosos frades franciscanos da ex-Vila da Ribeira Grande. [*Livro do Tombo da Freguesia de São Pedro da Ribeira-Sêcca*, fl. 11]. Teresa de Jesus, logo após a morte de sua mãe, a realçar um grande amor pela figura de Maria, facto que nunca descurou já freira ingressa, e um veemente desejo de aceder ao seu futuro Esposo, para lá continuou a peregrinar, onde, diz a sua *autobiografia*, fez 'muitas nouenas

descalsa a nossa Senhora May de Deos que esta em hu monte, sempre sobia a ladeyra [hoje, um escadório] com os gerlhos [joelhos] em terra, que os fazia em sangue com o Rigor das pedrinhas, e com grandes suspiros chamava pella May das misericordias que lhe acodisse lhe dar o seu filho por espoz, que a não despreza ce por ser pobre de tudo, que só ella lhe podia dar o que lhe faltava para merecello'. [fl. 4 r].

A ermida da Mãe ou da Madre de Deus parece ter-se transformado em centro anual de romarias. Romarias à Mãe do Senhor para louvar a sua Ressurreição. Ernesto do Canto na *Notícia sobre as igrejas, ermidas e altares da Ilha de São Miguel* faz perceber o carácter centenário dessas romarias, que se realizavam na 1.ª Oitava da Páscoa. Para a segunda década do século XX, o *Jornal Ecos do Norte*, confirmando-as, noticia que 'Devido ao mau tempo, foi pouco concorrida na ultima Segunda feira, a romaria á Mãe de Deus'. [Abril, 1918]. A memória oral local também o corrobora. Manuel Furtado Ferreira, nascido e vivido na freguesia da Ribeira Seca, morador na Rua da Mãe de Deus, ali bem perto da ermida, recorda que desde criança, na Segunda-Feira da Páscoa, iam à Senhora da Mãe de Deus 'descascar o ovo do folar'. De manhã, rezavam a missa, depois iam ver a procissão dos Enfermos no lugar da Lomba de Santa Bárbara, então,

parte integrante da freguesia de Ribeira Seca. A folia fazia parte da romaria. De tarde, viviam em frente da ermida um autêntico ambiente de festa. 'Vinham pessoas da Ribeirinha, Ribeira Grande, Rabo de Peixe, Lomba de Santa Bárbara. Às vezes, começavam-se muitos namoros naquela Segunda-Feira. Tanto que se *balhava* na Senhora Mãe de Deus. A festa chamava muita gente por causa disso. Uns tocavam viola, outros cantavam, outros *balhavam* com as raparigas. Era cá em baixo no largo junto à Senhora da Mãe de Deus. Era um caso sério. Hoje, não é um por cento daquilo que era'.



Manuel Furtado Ferreira

Actualmente, as romarias à Senhora Madre de Deus parecem estar devotadas ao esquecimento. Já não se *guarda* a *Segunda-Feira da Páscoa*. Poucos para lá se dirigem. Porém, os que o fazem, essencialmente, da paróquia de São Pedro, continuam a participar na missa e a merendar sumos e massa sovada.

Frutaria & Bar
Maria de Deus
 Para uma mesa sempre fresca
 Tv. R. Bern. Man. Silv. Estrela, 67 - Rib. Seca

CAFÉ SNACK BAR RIBEIRA SECA
O PACHECO
 R. Bernardo Manuel
 S. Estrela nº 52
 9600-217 Ribeira Grande
 Telef.: 296 473 127
 VENHA VISITAR-NOS

Santo Cristo dos Milagres ou sobre o despertar do culto

Joana de Santo António, irmã de Teresa de Jesus, décima primeira entre treze irmãos, baptizada, também na paróquia de São Pedro, em 1653, terá ditado o início do grande culto em redor da Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Foi ela, já se encontrava Teresa no Convento da Esperança, que lhe chamou a atenção para esse Cristo da Paixão. Não é que o Santo Cristo dos Milagres, encontrado *esfarrapado* não fosse conhecido. Já o era desde meados da centúria de quinhentos. Diz-se que Ele veio do *Conventinho* da Caloura, Água de Pau, Vila da Lagoa, para o Convento de Nossa Senhora da Esperança, em Ponta Delgada. Aqui, esteve na sua ermida da Senhora da Paz, onde aí obrou o célebre milagre das *pêras douradas*, até que o colocaram, parece que um pouco ao esquecimento, no Coro de Baixo da sua igreja. Dir-se-ia que o culto começa como que fruto de um acaso. Joana de Santo António, que chegou a ingressar no Convento de Santo André, Ponta Delgada, logo após fazer recolher sua irmã no da Esperança, é reclamou junto de Teresa de Jesus, era esta ainda noviça, o poder milagroso da Santa Imagem. A *autobiografia* teresiana e o *Processo de Inquirição das suas Virtudes* no-lo poderão assegurar.

Na sua *autobiografia*, uma das fontes para o livro do Padre José Clemente, *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada*, narra-se que as clarissas da Esperança, tinham no 'Coro de baixo' da sua igreja 'huã Imagem do Ecce homo muito milagrosa, e como antigamente seruirea de Custodia puzeram lhe na abertura do peito,

que hera lugar da hostia, hu Reziste, uindo [e]lla [sua irmã Joana] a grade da igreja, vendo a Imagem pedia lhe emcarecidamente lhe trocasse aquelle Rezisto por outro que trazia, e com facilidade o fez por ser troca, porque de outra sorte o não fizera, leuou o ella com grande veneração, e uindo outra uez a mesma grade donde o Senhor se uia lhe disse, minha Irmã, aquelle Senhor he milagroso, porque o Rezisto que leuey, tem obrado muitos milagres em Santo Andre, e hé grande dor estar aqui as escuras como na loge de Pilatos; hoje he quarta feyra de sinza, eu tenho huã botija de azeite haueis tomar a uossa conta alumia lo esta quaresma, e hide pellos dormitorios, pedi pello amor de Deus uos dem huã gota de azeite para alumiares o Santo Christo, alguãs uos ande dar, e as que uos não derem azeite dar uos hão em que mereçais, oferecey a Deus essa mortificação, Responde lhe que a muito a obrigaua, porque se não atreuia a pedir, que não sabia se em ella hera

uergonha, se soberba, mas foy obedecer lhe. O Senhor estaua com pouco Recato por elle assim o primitir, não tinha alampadario nem vidro para o azeite, prendeo ella hu copo com cordeis o milho que pode, e acendio de noite, foy de minhã pellos dormitorios pedir a esmolla como ella lhe dice alguãs Religiozas lhe deram, outraz não; com que toda aquella quaresma esteue de noite com lux, pairesse que comtinação [sic] da asistencia foy

tendo tanta deuoção ao Senhor que nelle poz todo seu cuidado, pormeteo fazer lhe huã toalha para o Seu altar, o qual hera muito limitado, e falto de todo o ornato'. [fl. 10 r].

Uma das testemunhas inquiridas, logo a abrir no *Processo de Inquirição das suas Virtudes* (1740-1744), instaurado pelo Bispo da Sé de

Angra, a pedido das clarissas do Convento da Esperança, a Reverenda Madre Maria do Pilar, daquele Convento, com 75 anos, disse que: 'pouco tempo antes da dita Religiosa ser professa, estando uma

Imagem de Cristo do *Ecce Homo* que tinha vindo de uma capelinha da horta em o Coro baixo com menos decência, tratou a dita Religiosa do culto e veneração da dita Imagem dando princípio a uma capelinha onde estivesse com mais decência, como de facto fez pelo decurso do tempo uma nobre capela donde existe a dita Imagem'. Por outro lado, no seu termo de óbito indica-se que dera início ao culto da Santa Imagem 'logo nos primeiros annos de Religioza' no Convento da Esperança, dando-lhe o 'açoio' e a 'desença' merecida. [cit. por Hugo Moreira, p. 2]. Portanto, a vida de Teresa de Jesus intramuros haveria de ser uma incessante luta para garantir o aceio em redor do Seu, também Nosso, *Ecce Homo*. Nessa óptica, e a revelar outra faceta da sua mística, é interessante verificar que a relação com o Divino exige equilíbrio estético, se se preferir um permanente estado em beleza, neste particular, passando pelo ornato, gradualmente enriquecido, da Imagem e pelo seu resguardo numa Capela. O Santo Cristo de Teresa da Anunciada, encontrado pobre, qual franciscano, acabou por desembocar numa grande sumptuosidade, fruto, é certo, de muita cortesia social ou agradecimento por 'graças' recebidas, veja-se as suas jóias: Resplendor, Relicário, Corda, Ceptro, Coroa de Espinhos, não se esquecendo as Capas, porém, dir-se-ia que, à parte esse elemento estético essencial na sua mística, e apesar do seu genuíno franciscanismo, em notória contradição com o espírito de Francisco.



Museu de Ribeira Grande
A Venerável

Primeira Procissão nas palavras de Teresa de Jesus

Foto: Ricardo Rodrigues

Sobre a Primeira Procissão do Santo Cristo dos Milagres, realizada em data, comumente, aceite ter sido em 11 de Abril de 1700, facto que não se encontra explícito nos seus apontamentos autobiográficos, escreveu a Venerável: '[...] andou a porsução por todos os Conventos como meu Senhor queria tão ornada, e vistoza que parecia do Ceo, o andor do meu amante leuaram quatro deuotos seus, e como hera todo de vidrassas, ouro, e aljofar com muitas joyas. Reuerberaua o sol nos vidros, e Rodeado de Anjos que as deuotas ornarã as mil maravilhas de baxo do seu docel parecia meu Senhor viuio em carne; as commonidades, e Colegios com capas de asperjes [sic], o palio com o Santo Lenho, as opas, assistiram o Conde [2.º

Conde da Ribeira Grande, D. José Rodrigo da Câmara] com todos os seos, e todos os principais desta Cidade, e muitos das outras Villas, todo o popular, assim homes de ganhar, como officiais, não Reparando em perderem o seu estupendio por assistir a seu Redemptor, e bem feitor, que todas as finezas que lhe fazemos sendo devidas em nos, sabe a premiar sua Divina liberalidade, todas as Ruas por donde passou tiueram as janellas enfeitadas, os conventos das freiras com grande ornato nos adros panos de seda, casoulas, sera aseza, e ultimamente todos mostraram nos seus excessos o muito que amauam a meu Senhor, muitos corações se trocaram, muitas bênçoes deitou nas Ruas por donde passaua. Governarã a porsução os nossos frades, e os deuotos que mais

trabalharã // na sua festa. Recolheuse a porsução pella tarde, ja mais para a noyte que para o dia, puzeram o andor na Cappella mor da Igreja, athe todos se despedirem delle, e como ficou so com os de caza, trouxeram no para a sua cappella, assim como entrou nella dezatoze de sorte a chuva, que cauzou admiração a quem tinha visto o dia de sol tão bello, e acabada a função de seu empenho, vir a chuva como de antes hauia chuido; esquecia me dizer que meu Senhor tanto que apremeya a quem o serue, como castiga quem o dezagrada'. [fl. 30 r e v].

O cerne da mística de Teresa de Jesus, onde Homem e Natureza não se autonomizam da Divindade, notoriamente de raiz franciscana, para além da sua componente de Culto, dos 'doces colóquios'

com o Amado, manifesta-se no reconhecimento de um Deus, neste caso do Deus-Filho, de rosto verdadeiramente humano, que, por um lado, opera, benfazejamente, maravilhas; isto é, milagres [observe-se o exemplo da interrupção da chuva no dia da sua primeira procissão], e, por outro, como que um Deus da Ira, não hesita em castigar 'quem o dezagrada': os cataclismos naturais e as doenças, são, por vezes, o Seu dedo a apontar os desvios dos homens. Em outra parte, Teresa da Anunciada haveria de escrever: 'o meu Senhor he Rey absoluto que em hu instante faz, e desfaz'. [fl. 45 v]. Por outras palavras, as Suas mãos, benévolas e, às vezes, iradas, dir-se-á para despertar o pecador, é que fazem mover o decurso do Mundo.

NANA

- > Roupa de criança
- > Lingerie
- > Roupa de senhora
- > Sapataria
- > Peles

Rua Sousa e Silva nº 58
Matriz - 9600 RIBEIRA GRANDE
Tel: 296 474 563

MODE

Ribeira Grande na



Escola Madre Teresa da Anunciada

Durante os anos cinquenta e sessenta do século que findou, a Ribeira Grande desperta para a grandeza da figura de Teresa de Jesus. Em 1954, é descerrada uma lápide na casa onde ela nasceu, então, Rua Dr. Hermano da Silva Motta, antigo Tornino de Baixo, presentemente, com o seu nome, donde dali partiu para ingressar no Convento de Nossa Senhora da Esperança. Nos seus dizeres consta o seguinte: *Nesta casa nasceu em Novembro de 1658 Madre Teresa da Anunciada que fundou a maior devoção micaelense, a do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Morreu em 16 de Maio de 1738.* Ainda lá se encontra afixada. Nas comemorações do tricentenário do seu nascimento (1958), que teve como grande protagonista o poeta Oliveira San-Bento, o qual sobre o culto do Santo Cristo muito poetou, coroando a iniciativa, o elenco camarário ribeiragrandense, à altura liderado por António Augusto da Motta Moniz, 'deslocou-se [...] na sua totalidade [...]

ao Convento da Esperança onde [...] comemorou festivamente o memorável acontecimento, depondo na Urna que guarda as Suas Cinzas uma palma com flores donde pendiam fitas com inscrições e as armas do Município que se referiam ao Nascimento e tricentenário da Devotada Freira e ainda uma expressiva quadra do ilustre orador e Poeta Senhor Ezequiel Moreira da Silva, que dizia: 'São flores da Tua Terra;/ Um jardim de formosura!/ A dizer do Mar à Serra/ Que tu foste a flor mais Pura!'. [Vereações,

Lv. 85].

No ano de 1963, no adro da igreja de São Pedro, em frente do Largo com o mesmo

nome, é inaugurado um busto, do escultor Numídico Bessone. A partir daí a Ilha de São Miguel vai ali depositar cera (círios, velas), que a põe a queimar, e flores. Dir-se-á que se vão pagar promessas ou até mesmo pedir a intercessão de Teresa de Jesus. O milagre é indissociável da Venerável ou do seu Santo Cristo dos Milagres, reconheça-se. Maria Lopes, natural da Matriz, de Ribeira Grande, comerciante no Largo de São Pedro, aproximadamente, há trinta anos, vendeu muita cera a quem por ali passava para devotar a Madre. Lembra que a Junta de Freguesia da Ribeira Seca até chegou a fazer uma *grelha* em ferro para nela se colocar as velas. No entanto, houve a tendência para se vandalizar o local. A queima de cera até chegou a provocar pequenos incêndios.

Ribeira Seca: outros lados da devoção

Com a cera derretida, Maria da Conceição Branco Aguiar, natural da paroquial de São Pedro, pintora experiente em vários materiais [trabalha em registros,



'Livro do Senhor Santo Cristo'

Trata-se do livro da *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada*, escrito pelo oratoriano Padre José Clemente, cuja primeira edição, impulsionada pela 4.ª Condessa da Ribeira Grande, D. Margarida Tomásia de Lorena, remonta ao ano de 1763, e já sujeito a vinte edições. A última é de 1999. De facto é um Livro mágico, mas no sentido que remete para a presença do milagre, este entendido, como já vimos, como as mãos de Deus a obrar sobre o decurso das Coisas. Francisco Carreiro da Costa integra a prática de *abrir o Livro* no folclore em volta do culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres, reconhecendo nela uma espécie de 'oráculo' [Açoriano Oriental, Maio, 1965]; ou seja, onde o crente, quotidianamente, entrega a sua vida a uma espécie de pitonisa que dita *futuros fins* e que o faz estar com Deus.

Maria da Conceição Maré Melo, natural e moradora na Ribeira Seca, relacionada com o Livro desde adolescente. Aos 14, 15 anos começou por ler a *Vida* de Madre Teresa da Anunciada. Não herdou a prática de *abrir o Livro* de ninguém, se bem que tivesse tido alguns contactos, tinha ela 17/18 anos, com uma Senhora chamada Xavier, entrevada, que vivia na Rua do Moinho do Vento, Calheta, em Ponta Delgada, a qual *abria o Livro*. Descobriu por si só o seu valor mágico. Já o *leu/abriu* centenas de vezes. *Abriu o Livro* resulta com os que o procuram com bom coração. A sua intuição faz recuar

aqueles que não vão ouvir a 'palavra', porque trata-se de um Livro que contém a 'palavra', diga-se que a de Deus, da Santa Imagem, e a da sua Serva Teresa da Anunciada. Portanto, um Livro profundamente religioso, saliente-se que da cristandade católica. Não lê o Livro por dinheiro, já que 'Jesus não quer que faça isso por ramo de negócio. Vivo nesta pobreza e quero continuar assim'. Maria da Conceição consegue enquadrar nele todos os pedidos por que a procuram. O livro da *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada*, que narra a sua vida fora e dentro do Convento, bem como a sua morte, está dividido em quatro *partes* ou *livros* [Primeiro, Segundo, Terceiro, Quarto]. Maria da Conceição criou um código de interpretação/adaptação onde consegue, a partir das páginas do Livro, as que abre e aquelas que o crente também abre, criar contextos de enquadramento para os pedidos. Por outras palavras, ela nunca lê literalmente as páginas, que abre ou que lhe são abertas, mas sim coloca nelas os pedidos ou os problemas do crente ['assuntos de toda a qualidade', tal como refere].

Tudo começou quando a sua irmã Hermínia teve uma grave doença pulmonar. No Hospital a doença era difícil de ter melhoras. Quando abriu o Livro leu que: *Filha saberás que a religiosa não morrerá desta doença se não que brevemente recuperará saúde.* Em casa os médicos encontraram-na, perfeitamente, sã. Só depois de casada

sua devoção à Madre

lapinhas, vitral, barro, gesso, porcelana, basalto] e confeiteira de renome, ainda moradora na Ribeira Seca, principalmente, durante as noites de Verão, animava crianças e pais no Largo de São Pedro, moldando flores, pombinhas, coelhinhos, ovelhinhas, ratinhos, grilos. Maria da Conceição Aguiar, com a sua perspicácia de artista [tem a rara capacidade de antropomorfizar objectos], aproveitando uma peça de basalto, onde nela reconheceu um rosto, esculpiu um busto, cujo nome é *Teresa da Anunciada*. Encontra-se impregnado de fetos, que ali apareceram como que milagrosamente. O rosto penitencial da figura e a verdura que o envolve lembra a dualidade ou o confronto da mística teresiana: a benevolência e o castigo de Deus; a alegria e o sacrifício.

Na parede nascente do Baptistério da igreja de São Pedro, onde Teresa de Jesus foi baptizada, existe um quadro em azulejos, mandado colocar pelo Padre António Rocha, que ali parou entre 1978-1998, o qual reproduz a estampa com o Santo Cristo dos Milagres num altar e Teresa de Jesus de joelhos, e junto destes um ramo de flores [Casa Aleluia, Aveiro, 1983]. Estampa que tem vindo a acompanhar a *Oração* para a sua beatificação.

A devoção à Madre Teresa tem-se prolongado com outras manifestações. Na Rua Arantes de Oliveira, em 7 de Outubro de 1990, é inaugurada, pelo Governo Regional dos Açores e Câmara Municipal de Ribeira Grande, a ampliação da Escola n.º 5 da Ribeira Grande [Plano de Construções, 1966]. A patrona do complexo escolar passou a ser Madre Teresa da Anunciada. A escola não tem esquecido a sua protectora. Tem sensibilizado as crianças para a figura da Venerável, bem como todos os anos, durante o mês de Maio, é celebrada missa na escola em sua evocação. Existe no Refeitório um quadro em azulejo, réplica de um outro que se encontra na igreja do Santuário de Nossa Senhora da Esperança, com Teresa de Jesus em criança orando entre vegetação.

Ainda na freguesia da Ribeira Seca, Imaculada Branco Gaudêncio, ex-Vereadora

da Autarquia ribeiragrandense, em meados da década de noventa, fundou o *Grupo de Cantares de Madre Teresa da Anunciada*. Constituído por adultos e crianças, tem vindo a participar nas Festas Populares da paróquia em honra de São Pedro [29 de Junho, dia do Feriado Municipal], em Cantatas de Natal e na festa



Maria da Conceição Aguiar e busto de Teresa de Jesus

citadina do 'Cantar às Estrelas' [noite de 01 de Fevereiro].

Por fim, os actuais autarcas da freguesia da Ribeira Seca, na pessoa do seu Presidente da Junta, Senhor Carlos Anselmo, prevêem a possibilidade de, através de publicação acessível, divulgar ainda mais a figura da Venerável.

[casou com 23 anos] é que começou a ler o Livro para pessoas de 'fora': Rabo de Peixe, Calhetas. Até lá fazia-o entre as amigas e às escondidas da mãe. Lembra-se, por exemplo, de um casal da Ribeira Seca que ia emigrar para o Canadá. Queriam levar os dois filhos rapazes. Um deles estava em dúvida, já que a tropa não o permitia. Disse ela à mãe deles: 'a Senhora vai ter sorte em levar os seus filhos solteiros, os dois vão embora, mas Senhora vai cair do *andor* um acidente mortal. Tenho muito medo de uma perda de vida que vai haver na família. A mãe dos rapazes morreu no avião. Foi quando compreendi que o Livro era sagrado, ele diz a verdade. Comecei, então, a ler o livro a muitas pessoas. Já lá vão 29 anos que faço isso'. Até pelo telefone lê a 'palavra'. Já foi quatro vezes ao Continente [Sesimbra, Almada]. É gente fina que a chama.

Abrir o Livro implica sete procedimentos: 1. O crente diz o motivo da sua visita. 2. Maria da Conceição reza o Credo [Creio em Deus Pai todo poderoso...]. 3. Em seguida, entoa a seguinte oração: 'Madre Teresa da Anunciada eu te peço, em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres, pelas suas santas chagas, pela sua coroa de espinhos, declararai nas santas páginas deste livro, uma verdade clara e pura a este irmão'. 4. Pede o nome ao crente. 5. Depois diz: Santa Teresa temos aqui o nosso irmão X que deseja saber qual vai ser o seu futuro: se é para o bem se é para o mal. 6. Pede a Santa Teresa uma declaração.

7. Abre, aleatoriamente, o livro adequado ao pedido e lê, partes das páginas. ['O que vier à sorte é o que eu abro']. 8. O crente abre o mesmo livro à sorte ['encontra-se sempre o caminho']. O que daí resulta poderá levar o crente à alegria ou até mesmo à lágrima.

VIDA
DA
VENERÁVEL
Madre Teresa da Anunciada
ESCRITA E DEDICADA
AO
SENHOR SANTO CRISTO
COM A INVOCAÇÃO DO ECCE HOMO
POR
José Clemente
Presbítero do Oratório de S. Filipe Nery
Anotado por
Hugo Moreira
VIGÉSIMA EDIÇÃO
PONTA DELGADA
1999

Elementos para uma santidade?

Foto: Ricardo Rodrigues



Ermida da Mãe de Deus

Sabemos que prodígios surpreendentes ocorreram durante a vida e em redor da morte de Teresa da Anunciada. As suas virtudes foram atestadas entre 1740-1744. Foi-lhe atribuído o título de Venerável. Os seus restos mortais já exalaram perfume. A sua mística é ricamente franciscana. Gente há que lhe chama de Santa. A sua *Vida* é uma das hagiografias nacionais. Ainda o livro da sua *Vida* é o cerne de um oráculo, vulgarmente, conhecido por *Livro do Senhor Santo Cristo*. Poetas já a cantaram: Oliveira San-Bento com a sua *Ilha em Prece* (1946) e com *Asas de Luz* (1970). Estudiosos têm-se preocupado com a sua figura. A comunidade já lhe erigiu um busto e uma estátua. Recebem-se 'graças' por sua intercessão. Encontra-se, permanentemente, rodeada de fogo e de flores. Na semana da Festa do Senhor a Quinta-Feira é o dia que lhe é dedicado. O culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres, tal como o Divino Espírito Santo, irrompeu no mundo da Diáspora

Açoriana. [De Oliveira San-Bento: 'Maria, o coração tem saudades tais/ Que nem te sei dizer... Doi o peito de amor! Ando triste, a pensar: - Sábado do Senhor/ E tão longe de ti, do pequeno e dos pais!', Carta do Canadá, *Asas de Luz*]. A terra que a viu nascer, tal como vimos, tem vindo a glorificá-la. Na rua aonde nasceu, a dois passos de sua casa, em finais do século XVIII, foi erigida uma ermida sob a evocação do *Ecce Homo*, ou do Senhor da Paciência. [Intencionalidades?]. Conta-se que é um Senhor de tanta Paciência que até deixou que os ratos lhe roessem os pés. Inclusive, atente-se à curiosidade do fenómeno, um toque de sobrenatural parece envolver o próprio local do seu nascimento. No quintal da casa vizinha, lado Sul, de onde nasceu a Venerável, Angelina da Glória Almeida, natural da Ribeira Seca, lá residente desde rapariguinha, poder-se-á assistir a um repentino cheirinho a incenso, igual ao que se usa na Igreja. 'Meu pai dizia: que será isto? Não seja

alguma coisa para nos inquietar'. Um dos seus avós até 'julgava que fosse gente a botar lume'. 'Eh meu avô não é. Isso é Nosso Senhor que quer dar esse cheirinho de incenso para a gente se consolar a cheirar', retorquia Angelina. 'Volta e meia', diz Angelina da Glória, 'que cheirinho!' Até faziam-no correr pela casa toda. É um fenómeno que está nas mãos de Deus. Angelina nunca pediu para 'ver'. O seu esposo também lhe chamava a atenção: 'Angelina escuta aqui', dizia. Muitas vezes abriam a porta e as pessoas entravam para irem ao quintal. Angelina da Glória relaciona tal cheirinho com os poderes de Deus, de Nossa Senhora e da Madre Teresa da Anunciada. A nora de Angelina da Glória, Ermelinda de Jesus Fernandes Marques Rodrigues, natural de Lisboa, desde que começou a vir para os Açores, para o final a década de sessenta, descobriu ela própria o cheirinho a incenso. 'Ainda hoje isso acontece. Até gosto do cheiro e quando tal aparece rezo. Não se observa fumo,

simplesmente, é um cheirinho que passa'. Ermelinda de Jesus associa o fenómeno à figura de Madre Teresa da Anunciada. Portanto, são elementos que não podendo, para já, ao que se pode perceber, satisfazer os critérios para a sua beatificação, poderão, no entanto, e isso é de relevar, dar conta de um comportamento religioso que não se observa como individual, ocasional, mas sim entranhado numa colectividade que faz questão em se consolidar com ele. O *Domingo do Senhor* ['Santo dia bendito! Maravilha! Pois reza - bem a oiço - inteira, a Ilha', Dia do Senhor, *Asas de Luz*, Oliveira San-Bento] é o coroar de toda essa torrente de religiosidade, seja ela institucionalizada, seja ela popular. Disso não nos poderemos esquecer. Por isso, entre um 'facto extraordinário', ou milagre, devidamente atestado, e toda essa componente sócio-religiosa que o povo açoriano pugna por manter, dir-se-ia até razão de ser da sua identidade, qual deles o mais representativo?



Jaime Alves Diogo

Prazer de bem servir!

Talho da Saúde
Arrifes
Tel.: 296 683 808

Talho São Pedro
Ribeira Seca
Tel.: 296 472 539

Talho do Mercado
S. Pedro - P. Delgada
Tel.: 96 434 0234

Processo de Beatificação

Só muito tardiamente a Diocese de Angra daria o primeiro passo no processo de beatificação de Teresa da Anunciada. Aquando da inauguração do seu busto (1963), o Reverendo Hermínio Pontes, um ribeiragrandense de boa memória, havia de interrogar: 'Não será justamente fundada a pretensão de um dia vermos elevada à honra dos altares a Madre Teresa da Anunciada?', para logo em seguida lembrar: 'Creio que pouco se tem feito neste sentido. Mas este momento poderá marcar o início dum caminho que importa percorrer mais conscientemente até tão ansiada meta'. [Insulana, 215]. No último quartel do século vinte, o *Jornal Açoriano Oriental* escrevia que: '[...] correspondendo a diversos apelos entre os quais os da imprensa a Diocese deu um passo preliminar que pode levar a que seja introduzida a causa de beatificação de Teresa da Anunciada por cuja memória os Micaelenses e todos os Açorianos tiveram sempre o maior apreço'. [Maio, 1976]. Para o mesmo ano, é aprovada uma *Oração* com vista à beatificação da Venerável. Tempos mais tarde, o Bispo da Diocese de Angra, D. Aurélio Granada Escudeiro envia a cada um dos Bispos portugueses o *Livro da Venerável Madre Teresa da Anunciada*, escrito pelo Padre José Clemente, os quais, reunidos em Fátima, foram 'unânimes em dizer que a causa da beatificação podia seguir', refere Monsenhor Agostinho do Couto Tavares, natural da freguesia da Maia, Concelho de Ribeira Grande, actual Reitor do Santuário da Esperança [ver Perfil]. 'Perante esse parecer e outros elementos necessários à instrução do processo', diz Monsenhor Agostinho, 'o seu promotor, o Padre Vital, jesuíta, que chegou a ser Director Espiritual e professor no Seminário de Ponta Delgada, fê-lo chegar

a Roma à Congregação dos Santos da Santa Sé, através do Promotor das Causas dos Jesuítas, sediado naquela cidade, de que resultou a integração de Madre Teresa da Anunciada na lista dos eventuais futuros beatos'. No presente, contam-se 38 em proposta de beatificação, sendo que a Madre ocupa o penúltimo lugar. Portanto, a causa já se encontra em Roma. 'Face ao estado de debilidade física do padre Vital, D. António Sousa Braga, actual Bispo da Diocese de Angra, está a escolher um novo promotor para a causa', adianta Monsenhor Agostinho. 'Entretanto, é uma graça' [acrescenta] termos em Roma o Cardeal D. José Saraiva Martins, que é o Promotor das Causas de Beatificação e Canonização dos Santos. Recentemente [continua o Monsenhor], uma alta individualidade dos Açores foi a Roma, em passeio, onde teve a oportunidade de falar com D. José Saraiva, ficando este admiradíssimo com aquilo que ouviu sobre o culto do Senhor Santo dos Milagres e a devoção à Madre Teresa da Anunciada. Segundo consta, nada ainda havia chegado ao seu conhecimento sobre a Madre. Foi uma inspiração que o Senhor me deu de poder convidá-lo a vir, este ano, contactar directamente com este povo; vir ver estas grandes manifestações de fervor, de piedade e de solidariedade, o que poderá servir de muito para o processo de beatificação em decurso, isso para além do que o Santuário tem mandado através do seu promotor, nomeadamente os milagres, as graças recebidas, sabendo-se que os milagres fortes, os factos extraordinários, é que são essenciais para a atribuição da santidade. Porém, tornar-se-á essencial que o novo promotor possa exercer alguma influência no processo'. O futuro recente bem poderá trazer novas a lume.



Foto: Ricardo Rodrigues

Solar da Mafoma



GAETANO & FILHOS, LDA

CALÇADAS À PORTUGUESA: BASALTO, CALCÁRIO (POLIMENTOS)
MÁQUINA DE LAVAGEM DE PEDRA COM JACTO DE AREIA E ÁGUA

JPCM

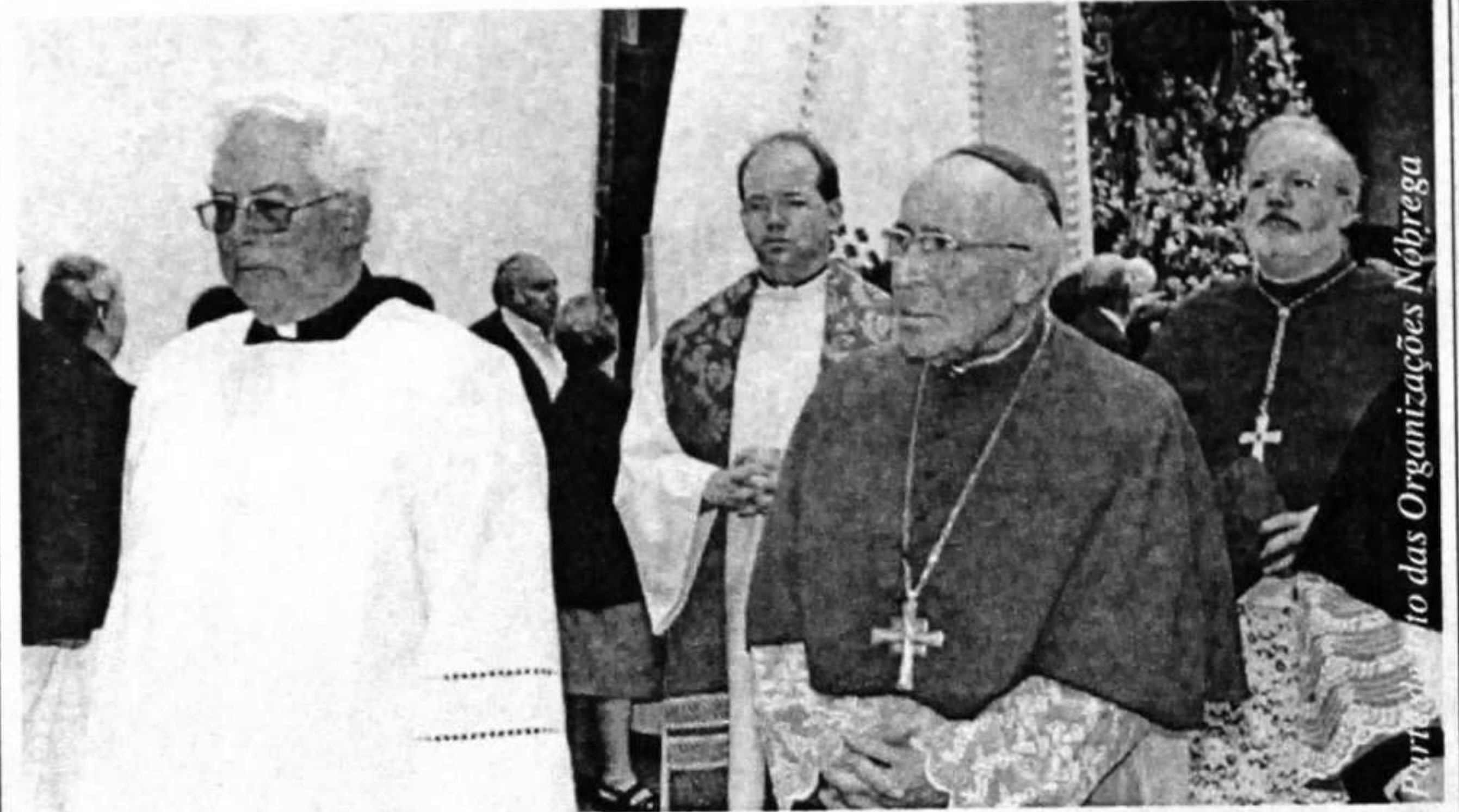
JOSÉ PAULO COSTA MEDEIROS
EMPREITEIRO

CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS

Rua Nossa Senhora da Vitória, 47 - A - Santa Bárbara
9600-412 RIBEIRA GRANDE - Tel. 296 477 337 - Telm. 917 329 787

Perfil

Monsenhor Agostinho: uma vida intensa



Grande plano: Monsenhor e D. Aurélio Granada Escudeiro

Agostinho do Couto Tavares, natural da Maia, Concelho de Ribeira Grande, 71 anos de idade. Fez a escola Primária na sua freguesia natal, em seguida, ingressando no Seminário de Angra do Heroísmo. Para além dos estudos liceais, ali chegou a cursar Filosofia e Teologia. Jovem, em tempo de férias, na sua Maia, 'na mais bela cidade dos Açores', diz, implementou convívios, passeios e prática desportiva, esse amor pela comunidade adquirido do então professor Aurélio do Couto Botelho, ainda vivo. Formado e ordenado sacerdote (5.Abril.1953), foi Prefeito e Professor no Seminário de Angra até ao ano de 1956. É um dos fundadores do Colégio e Seminário Menor de Ponta Delgada, o qual funcionou no Colégio dos Jesuítas, actual Biblioteca e Arquivo de Ponta Delgada, entre 1956 e 1966, sendo este último ano o da inauguração do seu novo edifício [hoje, S. Miguel Park Hotel], cuja extinção se deu em 1999. Neste Seminário foi Professor, Prefeito, Director Espiritual e Reitor. Aqui, entre um vasto leque de disciplinas, leccionou Educação Física e Desportos [é um grande amante de prática desportiva, por exemplo, gosta de voleibol, pingue-pongue, ginástica], Música, Francês, Português, Ciências Naturais. Também ensinou na Escola de Enfermagem de Ponta Delgada, nomeadamente Deontologia. Por outro lado, a par do ensino, chegou a ser Capelão do Quartel General, sediado na Ilha de São Miguel, Director Espiritual de Cursos de Cristandade, bem como sempre andou ligado à Pastoral naquela Ilha. Inclusive, chegou a dar apoio moral e psicológico às equipas de futebol do ex-União Desportiva e União Micaelense. No ano de 1991, devido à visita de João Paulo II à Ilha de São Miguel, foi nomeado Capelão-Papal, título honorífico, pelo Bispo da Diocese de Angra, D. Aurélio Granada Escudeiro, situação que o ligou, de um modo natural, ao Santuário de Nossa Senhora da Esperança. Logo após a morte do seu anterior Reitor, Cónego Jacinto de Almeida, um outro ribeiragrandense, da freguesia da Ribeirinha, bem como já extinto o Seminário de Ponta Delgada, torna-se Reitor do Santuário daquela que há mais de trezentos anos, Teresa da Anunciada, fez do Senhor Santo Cristo dos Milagres, tal como afirma Agostinho Tavares, o 'Espírito de Jesus conosco'; quer dizer, um Cristo para além da sua Paixão. Uma vida deveras intensa a do Monsenhor!

Restaurante

Silva

Ribeira Seca - Ribeira Grande

Especialista em
peixe fresco e mariscos

Tel.: 296 477 248 / 296 472 641
Fax: 296 477 228
Mail: silva@restaurante-silva.com



Foto: Ricardo Rodrigues



Largo de São Pedro

Testemunhos orais

Agostinho Couto Tavares, 71 anos, Monsenhor, Maia; Manuel Furtado Ferreira, 76 anos, ex-segeiro, Ribeira Seca; Angelina da Glória Almeida, 92 anos, doméstica, Ribeira Seca; Ermelinda de Jesus Fernandes Marques Rodrigues, 64 anos, ex-funcionária das Telecomunicações de Portugal, Lisboa; Maria da Conceição Branco Aguiar, 53 anos, pintora e confeiteira, Ribeira Seca; Maria da Conceição Maré Melo, 57 anos, doméstica, Ribeira Seca; Maria Lopes, 52 anos, comerciante, Matriz.

Fontes e bibliografia

Fontes manuscritas: Arquivo do Convento de Nossa Senhora da Esperança, *Vida da Serva de Deus Thereza da Nunciada religiosa professa em o Convento da Esperança da Cidade de Ponta Delgada da Ilha de São Miguel, cuja vida mandou escrever o seu Confessor tirada fielmente de hus papeis, que a ditta serva de Deus tinha escrito por mandado de Deus, e de seus Confessores Como ao diante severa*; Arquivo do Museu de Ribeira Grande, Fotocópia da Cópia [manuscrita] do Primeiro e Segundo Livro do Tombo da Freguesia de São Pedro da Ribeira-Sêcca da Villa da Ribeira Grande; Processo de Actuação de uma Comissão de Justificação do Reverendíssimo e Excelentíssimo Senhor Bispo passada a favor da Venerável Madre Teresa da Anunciada, Religiosa que foi no Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança desta Cidade, 1740-1744 [dactilografado, gentilmente concedido ao Museu pelo Padre Edmundo Pacheco, freguesia da Conceição, Ribeira Grande, o original encontra-se no Convento de Nossa Senhora da Esperança]; Arquivo Municipal de Ribeira Grande, *Verações*, Livros n.ºs 80, 85 e 87. **Fontes impressas:** Doutor Gaspar Frutuoso, *Saudades da Terra*, Livro IV, 1998; Frei Agostinho de Monte Alverne, *Crónicas da Província de S. João Evangelista das Ilhas dos Açores*, 1961; Jornais: *Açoriano Oriental*, 22.05.1965 e 29.05.1976; *Ecos do Norte*, 06. 04. 1918; José Clemente, *Vida da Venerável Madre Teresa da Anunciada, Escrita e Dedicada ao Senhor Santo Cristo dos Milagres, Com Invocação do Ecce Homo*, Anotado por Hugo Moreira, Vigésima Edição, 1999. **Bibliografia:** Ângela Furtado-Brum, *Açores, Lendas e Outras Histórias*, 1999; António Filipe Pimentel, 'Percurso do Barroco nos Caminhos do Atlântico: o Culto e o Tesouro Açoriano do Senhor Santo Cristo dos Milagres', *Oceanos*, 2000; Catálogo, *O Convento de Nossa Senhora da Esperança e o Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres, Comemoração do Tricentenário da Procissão*; *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 2000, 2001; Ernesto do Canto, *Notícia sobre as igrejas, ermidas e altares da Ilha de São Miguel*, Separata da Revista *Insulana*, 2000; *Insulana*, Vol. XIX, 1.º e 2.º Semestre, MCMLXIII, pp.207-215; Hermano Teodoro, *Uma 'pequena história sagrada': a temporalidade nos escritos autobiográficos de Madre Teresa da Anunciada*, 2001; Hugo Moreira, *O Convento de Nossa Senhora da Esperança, Imagem e Culto do Senhor Santo Cristo dos Milagres*, Colectânea de Artigos, 2000; Madalena San-Bento, *Esta Santa Casa*, 1997; Maria da Conceição Fernandes, *Subsídios para a História da Freguesia da Ribeira Seca - Concelho da Ribeira Grande*, 1997.

Lagoa do fogo

RESTAURANTE - BAR

ABERTO DAS 12H ÀS 02H - ENCERRADO À 2ª FEIRA
ESTRADA REGIONAL DA LAGOA DO FOGO
RIBEIRA GRANDE



Gastronomia Regional
Grelhados e Marisco
Serviço de Bar

Cocktails

Música ao Vivo aos Fins de Semana
Esplanada

www.restaurantelagoadofogo.com
MarcoCosta@restaurantelagoadofogo.com





Coordenação: Filomena Moura, Gisela Correia e Carina Sousa

EDITORIAL



Cá estamos novamente! Agora no mês de Maio! Sabias que no 1º de Maio se comemoram duas datas importantes? O dia do Trabalhador e o dia dos Maios. O primeiro é festejado em todos os países democráticos! Sabes o que simboliza? O início da luta travada por operários norte-americanos que pretendiam conquistar as oito horas de trabalho e melhores condições de trabalho. E conseguiram! Actualmente, esta data é comemorada todos os anos! E os Maios? Conheces? Aposto que sim!!! É uma tradição nossa. Neste dia, muitas varandas e janelas surgem enfeitadas por bonecos de palha ou pano, representando cenas do dia-a-dia! E há quem faça os seus "Maios" de maneira muito original de ano para ano! Mas... não te podes esquecer que no primeiro domingo deste mês se celebra o dia da Mãe! Aproveita e diz-lhe quanto gostas dela!!!



MÃE

Mãe querida,
Tu és a flor mais bonita
Das flores que conheci.
És bonita como uma gota
De orvalho.
Tens olhos meigos como o
Olhar de uma corça
Saltitando num prado florido.
Mãe, quem me dera sentir-me
Novamente pequenina
No aconchego do teu regaço.
Sentir a doce protecção do calor
Dos teus braços.
Vejo-te. Pareces
A lua a brilhar por
Trás da colina.
Mãe, os teus cabelos parecem acácias
A abrir e a fechar
Nos jardins alegres onde as crianças
brincam.



Ana Saramago
(in Mundo Novo, Leituras - 3º ano)

Os Maios na Escola



Foto cedida por D. Lúcia Albergaria Sousa

Prémio do concurso dos Maios 2000

Mãe...

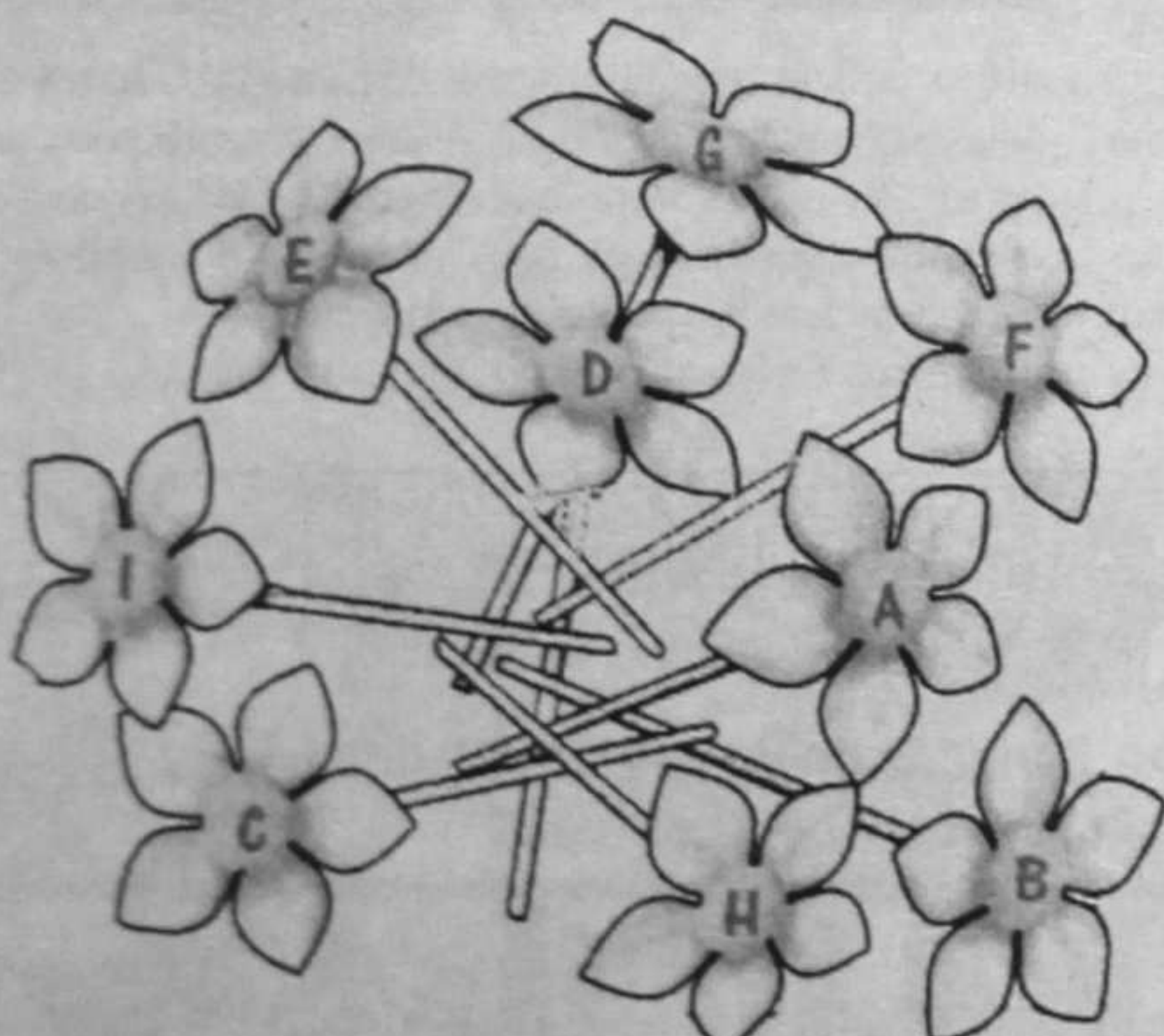
Mãe és bonita,
És fofa, a mais simpática
Engraçada e divertida
És fonte de amor, minha amiga!
Foi de ti que nasci,
A ti te devo a vida

És a fada dos desejos,
És dona dos meus beijos,
Todos os dias és rainha
Os teus olhos são cor de terra,
O teu cabelo é cor de sol de Verão
Mãe és só minha!



Ana Cláudia Alves Oliveira

Tira cada flor de modo a não levantar outra também. Descobre a ordem correcta...



Solução: E, H, I, C, A, B, F, D, G

Aqui fica uma sugestão!
Podes colorir o desenho e oferecê-lo no Dia da Mãe.



Desporto

A importância do desporto e da actividade física na terceira idade



Hoje em dia, um dos modelos de prática desportiva que se tem vindo a esboçar progressivamente é o da actividade física para a terceira idade. O seu desenvolvimento é alimentado por razões em que se misturam motivações humanitárias e económicas. Existem dados científicos que comprovam que a ausência da prática desportiva provoca uma diminuição da massa muscular em cerca de 40% entre os 20-70 anos de vida devido à falta de movimento, para além disso, leva a uma perda progressiva do teor mineral ao nível dos ossos acarretando, assim, uma

diminuição da capacidade de resistir a cargas e aumentando a fragilidade em indivíduos após os 40-50 anos de vida. A tudo isto pode opor-se a actividade desportiva ajustada e devidamente planeada à idade. Porém, se pretendemos utilizar a prática de uma actividade desportiva como meio de educação e protecção da saúde, temos que conhecer as suas particularidades e não aceitar de antemão toda e qualquer prática desportiva como válida para todo e qualquer caso. O envelhecimento é um processo, geralmente determinado, sujeito às leis naturais, porém, o seu ritmo e decurso dependem do comportamento da pessoa. Visto de outra forma, as pessoas com vidas carentes de movimento têm um envelhecimento precoce. Quantas pessoas, incluindo os idosos, sentem, dia a dia, que a condição física representa uma maior fruição dos sentidos de vida e que o aumento da força, da



resistência, da velocidade está associado à alegria de pertencerem a um grupo, onde a abertura da conversa proporciona horas indispensáveis ao equilíbrio existencial. O grande valor do desporto e da actividade física na terceira idade não reside em dar anos à vida, mas sim em poder dar vida aos anos. Está em ajudar a alimentar a sensação agradável de não constituir um fardo para os outros, pois a necessidade de muito apoio é

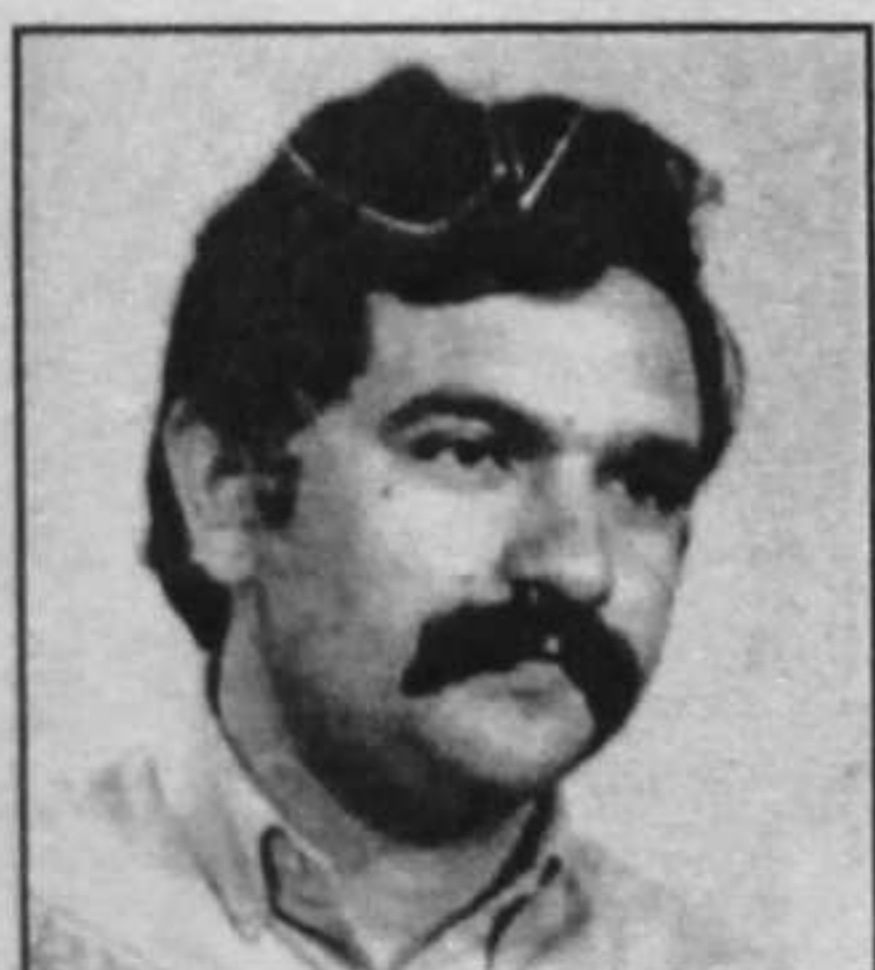
fundamental nos últimos anos de vida. Os benefícios dos programas do desporto e da actividade física para a terceira idade levam vários autores a afirmar que a relação custo/benefício é economicamente favorável, pois tais ganhos são manifestados em alterações no estilo de vida pessoal, na diminuição da procura dos serviços médicos, no aumento da qualidade e quantidade de produção, redução dos acidentes, etc.

Deste modo, é necessário alargar os caminhos que levam os idosos à prática desportiva. Não temos dúvidas que a velhice nasce com o homem e é resultado da sua infância, da sua juventude, da sua maturidade, enfim, de toda a sua trajectória biológica e espiritual neste mundo. Não podemos querer menos do que o ser humano inteiro, integrado, realizado em todo o seu potencial da vida activa. O querer ter uma vida longa

e não querer ficar velho é um sonho que nos acompanha desde há séculos, o ser humano não pode continuar a ser encarado como um produto com prazo de validade, um lançamento que logo deixa de ser novidade, uma máquina condenada ao obsoleto.

Nelson Reis

Arbitragem Micaelense: Que futuro?



É de facto uma pergunta tresloucada, pensarão algumas pessoas mais optimistas. Insisto na pergunta e digo por outras palavras. Para quando mais árbitros na arbitragem micaelense? Como já disse o Presidente da Associação de Futebol de Ponta Delgada, em tempos idos, "o problema está na qualidade e não na quantidade, por isso queremos poucos mas bons." Palavras que jamais esquecerei. Bons, quantos há? Poucos, evidentemente. Aliás, o grave problema na arbitragem micaelense, passa fundamentalmente pela falta de

um "bom" Conselho Regional de Árbitros, recheado por pessoas que sirvam e defendam os árbitros, quiçá antigos árbitros. Todavia, há que repensar e meditar os problemas da arbitragem micaelense, sob pena de dentro de muitos poucos anos, ninguém, mesmo ninguém, se interessar em ser "herói". As iniciativas, reuniões, o contacto, as reciclagens, tudo isso passou à história. Há efectivamente um grande desleixo, em redor da arbitragem micaelense, que passa naturalmente pela falta de afecto e carinho pelos árbitros. Nos anos 80 e princípios dos anos 90, altura em que me dediquei fortemente à arbitragem, existiam 15 a 16 árbitros, todos eles de valor semelhante. Posteriormente, face às circunstâncias adversas que foram acontecendo ao longo dos anos, foi notória a

confrangedora saída de árbitros de nomeada. Os árbitros de qualquer país, de qualquer lugar têm um Conselho Regional, os quais são superiormente comandados e protegidos. Acontece que só em Ponta Delgada, não haja um digno Conselho Regional de Arbitragem, que possua pessoas capazes de dirigir com o máximo empenho, dedicação e lealdade os destinos da arbitragem micaelense. Há realmente um Conselho Regional de Arbitragem na Associação de Futebol de Ponta Delgada, mas quantos elementos estão lá incorporados, quais pessoas? Meus amigos, estamos mal, mesmo muito mal, no que concerne à arbitragem micaelense! O barco está à deriva no alto mar. O "Comandante" está "cansado", mas não o diz. Os "marinheiros" são "levados" na onda e, por conseguinte, vão-

se alheando do que o "Comandante" faz. No meio de tudo isto, é de louvar os árbitros "nacionais" António Frias e Rui Cabral, que sem o necessário e imprescindível apoio de quem os "comanda", vão lutando com todas as forças e energias que possuem, para levar em frente aquilo que ambicionam. Quantos árbitros e árbitros assistentes estão convenientemente preparados técnica e fisicamente para dirigirem jogos aos fins de semana? Poucos. Quem se preocupa com a manutenção de todos os elementos que compõem a arbitragem micaelense? Ninguém. Quando digo manutenção, falo especificamente em reciclagem e melhor aperfeiçoamento dos árbitros, factores que já não se vêem com regularidade. No meio de todos estes factores, sou obrigado, em parte, a culpar também os



árbitros, nomeadamente aqueles que estão a dirigir jogos de escalão superior, porque efectivamente sabem que algo vai mal no seio da arbitragem micaelense. Será que têm medo

de falar? Tudo leva a crer que sim! Quem cala, consente, lá diz o velho ditado, e quem perde é o futebol e a arbitragem em particular.

HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, N.º 3/1ª Km. 10 Boqueirão - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



“Os quês e os porquês”

Bernoulli futebolista

ponte@aer.com



A história passa-se algures nos Alpes, já lá vai um seirão de anos. Mal a primavera despontava e os vales alpinos se cobriam de verde, uma desusada algarra grassava por todo o lado. Era mais um campeonato de um estranho jogo, precursor do nosso futebol, segundo os entendidos, no qual, tal como hoje, era permitido fazer tudo com as mãos menos tocar na bola. Nesse futebol de outrora, quase só se conhecia a biqueirada e o “meia bola e força”. Golos eram coisa rara. Mas havia um “fintas”, o Bernoulli, que tinha mais cabeça para o jogo. E não é que fosse bom cabeçador, que essa de andar às cabeçadas na bola ele ainda não tinha descoberto. Mas fora ele o primeiro a enfiar uma charutada na bola sem ser para onde estava virado. E, já depois disso, tinha inventado o cruzamento longo e o passe atrasado.

Um belo dia, jogava o Bernoulli

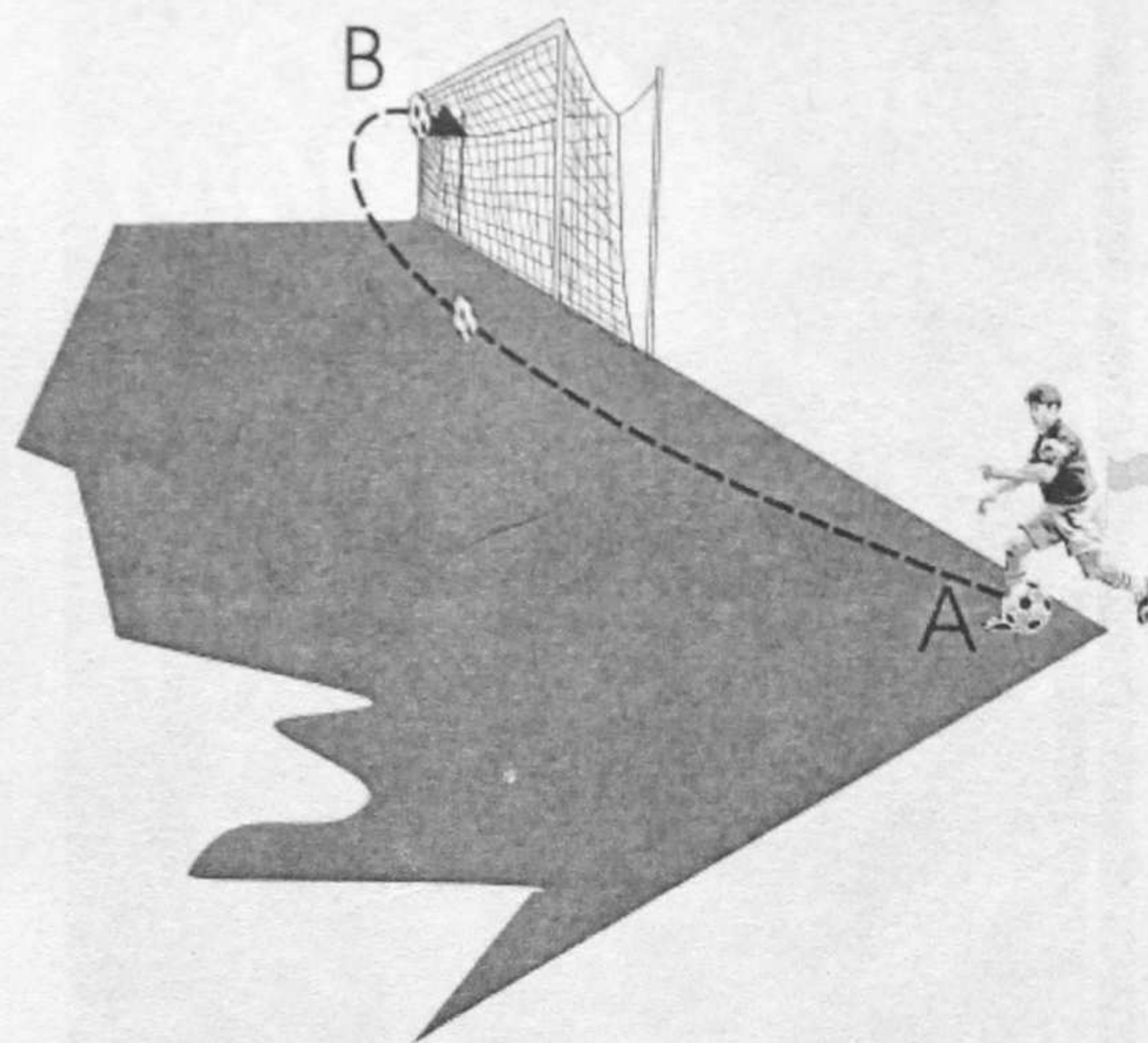
uma final importante, e, como era hábito, de golos nem cheiro. O sol já se escondia, mortiço, por trás das cumeadas, quando de mais uma molhada, resultou um canto para a equipa do Bernoulli. Os cantos geravam sempre um grande sarrabulho. Amolhavam-se todos os jogadores perto da baliza, vinha o biqueirão do costume, e era então um ver se te avias. Mas, naquele dia, Bernoulli vinha de pé feito para outra, e teimou em marcar o canto. Ajeitou bem a bola, respirou fundo, e chutou duas vezes no ar, como que a treinar a pontaria. Toda a gente julgou que o rapaz não estava bom da bola. Mas à terceira foi de vez. A bola partiu com um efeito estranho. Ainda ia a meia viagem quando, em vez de continuar a direito, começou a curvar, a curvar em direcção à baliza, e descrevendo um arco triunfal, foi anichar-se na baliza sem que ninguém lhe tocasse.

Nunca ninguém vira coisa assim. Ainda pensaram que era o vento, mas qual o quê? Não corria um suspiro de brisa. O jogo acabou logo ali, que era o que acontecia sempre que havia um golo. Bernoulli foi levado aos ombros por companheiros e adversários. Na entrevista da praxe, toda a gente queria saber como tinha conseguido aquele golo do arco-

da-velha. Bernoulli tirou do bolso uns gatafunhos de matemática, que era o desporto da família. Mas como ninguém percebesse nada, desatou a pensar em voz alta.

Se a bola curva, é porque algo a empurra. Mas o quê? Mesmo que não haja vento, só pode ser o ar. Se o ar empurra mais de um lado, é porque há um pouco mais de ar e uma maior pressão desse lado. Para conseguir esse efeito, só biqueirada não dá. O truque consiste em chutar a bola ligeiramente de raspão, dando-lhe assim um movimento giratório. A bola, na sua viagem, tem que vencer a resistência do ar. De um lado o movimento giratório é na mesma direcção do pontapé; do outro lado é na direcção contrária ao pontapé. A bola oferece mais resistência ao ar no lado onde gira na mesma direcção do pontapé, porque desse lado encontra o ar a uma maior velocidade. Nesse lado há uma maior acumulação de ar e, por conseguinte, uma maior pressão, que faz desviar a bola para o outro lado. Quanto maior o movimento giratório, mais pronunciada é a curva da bola.

Desde esse dia, muito se falou de Bernoulli e do seu canto triunfal, ainda hoje conhecido justamente por “canto bernoulliano”. A



técnica e a arte do canto bernoulliano continuaram a ser aperfeiçoadas pelos anos fora, e são hoje aplicadas em muitas outras situações nos jogos de futebol. Cabe aos leitores descobri-las.

descobriu, explica muitas outras coisas, para além dos cantos do Deco. Rende-se assim uma pequena homenagem ao futebol e à ciência.

Cambridge, Massachusetts

P.S. - A ideia de escrever sobre o canto bernoulliano surgiu-me depois de ver o Deco marcar um dos seus cantos directos. O verdadeiro Bernoulli não era futebolista, mas sim um matemático suíço, famoso pelas suas descobertas. O chamado efeito de Bernoulli, que ele

Rui Melo Ponte

A arte musical no Pico da Pedra (I)



A MÚSICA ATRAVÉS DOS TEMPOS

A música é a arte através da qual o homem produz sons organizados, quer sejam através da sua voz como dos instrumentos que ele constrói. Não se sabe ao certo como ela nasceu, embora exista uma série de teorias acerca do seu aparecimento. Porém, é de admitir que desde o florescimento da civilização o homem a cultivou, como forma de extravasar os seus sentimentos e emoções, tornando-a na mais espiritual das artes. Desde os tempos mais recuados, podemos verificar, não só através de documentos como também dos achados arqueológicos, que tanto a civilização da Mesopotâmia (4.º milénio antes de Cristo), passando pela Egípcia, pela Grega, Romana ou ainda pelo Povo Hebreu, tinham pela música grande apreço, não só como forma de expressão artística, mas

também pela sua função social e religiosa.

A Igreja Católica ao adoptar nos seus rituais os salmos bíblicos e as tradições musicais hebraica e grega, presta um grande serviço à música ocidental. Do rito Ambrosiano (séc. IV), passando pelo canto Gregoriano (séc. VII) ao aparecimento da polifonia (séc. IX), a música esteve durante o primeiro milénio ligada quase exclusivamente à Igreja. Entretanto, uma outra corrente musical, profana e popular, a Arte Trovadoresca, era também cultivada e vinha fazendo progressos, alcançando notoriedade nos séculos XII e XIII. Este estilo mais livre irá influenciar a música nos séculos seguintes.

No século XVI são lançados os fundamentos da moderna música, com a invenção do sistema de notas e pautas. Também, por essa época, começa a florescer uma arte mais pessoal, sendo as músicas compostas mais pela inspiração do autor do que para um fim determinado.

Nos séculos XVII e XVIII a arte dos sons vai entrar no seu período clássico, caracterizado pelo desenvolvimento da música dramática e das formas instrumentais modernas. A música de dança irá tornar-se em música de concerto, primeiro de câmara e

depois sinfónica. Nomes como Vivaldi, Mozart e Shubert marcam a arte nesse período. Beethoven, embora pertença ao classicismo é também quem marca a passagem para o novo estilo, o Romantismo, onde os artistas criadores usam de uma maior liberdade de expressão para transmitirem os seus sentimentos.

Como arte, a música, não deixou de evoluir até aos nossos dias. O naturalismo e impressionismo foram movimentos que também afectaram a arte dos sons: Debussy, foi um dos cultivadores deste último estilo. As potencialidades da electrónica e a sua aplicação à música, durante o século XX, fizeram com que a arte dos sons alcançasse horizontes até então desconhecidos, quer nos campos de instrumental; preservação dos sons, assim como na sua difusão.

AS BANDAS DE MÚSICA NOS AÇORES

O gosto pelas bandas de música nesta ilha foi despertado quando o imperador D. Pedro, na madrugada do dia 22 de Fevereiro de 1832, desembarcou na cidade de Ponta Delgada, para formar a expedição liberal. Acompanhavam-no duas bandas militares, as quais causaram assombro e admiração às gentes da

nossa pacata cidade. A existência deste tipo de corporações musicais, mesmo nos grandes centros, não contava ainda muitos anos. Embora os exércitos desde sempre se tenham feito acompanhar pela música, porém os recursos instrumentais, em séculos anteriores, eram bem mais escassos. Ao que consta, nessa época, tanto

A primeira banda de música que se formou na nossa ilha foi a Sociedade Philarmónica Michaelense, estreada em Maio de 1845. Desde essa data até aos nossos dias, mais de uma centena de filarmónicas viram a luz do dia nesta ilha de S. Miguel. No século XIX foram as Sociedades de música recreativa autênticos filões para os partidos políticos. Cartistas,



regimentos como procissões, nesta ilha, o seu acompanhamento musical era bastante deficiente. Quatro ou cinco pífaros e um menor número de tambores iam à frente dos regimentos, enquanto, nos cortejos cívicos e religiosos para além de tambores e pífaros, acompanhávamos matracas, sinetas assim como danças e foliões.

Setembristas e mais tarde Conservadores e Progressistas, estenderam as suas influências através das bandas levando a que muitas encerrassem as suas portas, enquanto outras abriam, por questões que nada tinham a ver com a arte dos sons.

Gilberto Bernardo



Óleos

20% Desconto

e ainda

oferta da mudança de óleo

Nos seguinte produtos:

- VISCO 2000
- VISCO 3000
- VISCO 7000



Melo & Melo
 Deseja a todos os estimados
 clientes e amigos um Feliz Natal e
 um Ano Novo muito Próspero

Promoções




Pneus



P a g u e 3 l e v e 4

e ainda oferta da montagem e calibragem
 para ligeiros com jantes 13 e 14 (válido até ruptura do stock)



MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus
Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados

ESTAÇÃO DE SERVIÇO *SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA







Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400